



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade
Contemporânea

ANGELA VIRGÍNIA BRITO XIMENES

**CONEXÕES ENTRE MULHERES IDOSAS EM TEMPO SUSPENSO:
O ÁRIDO PRESENTE ATRAVESSADO PELAS TRANSITÓRIAS
MEMÓRIAS FAMILIARES.**

Salvador

2022



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade
Contemporânea**

ANGELA VIRGÍNIA BRITO XIMENES

**CONEXÕES ENTRE MULHERES IDOSAS EM TEMPO SUSPENSO:
O ÁRIDO PRESENTE ATRAVESSADO PELAS TRANSITÓRIAS
MEMÓRIAS FAMILIARES.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador (UCSAL), como requisito parcial para a obtenção do grau de mestra.

Orientador: Prof^a. Deivid Carvalho Lorenzo.

Salvador

2022

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica. UCSAL. Sistema de Bibliotecas

X6 Ximenes, Angela Virgínia Brito

Conexões entre mulheres idosas em tempo suspenso: o árido presente
atravessado pelas transitórias memórias familiares / Angela Virgínia Brito
Ximenes. – Salvador, 2022.

81 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de
Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Deivid Carvalho Lorenzo.

1. Velhice 2. Mulheres 3. Memórias 4. Interdisciplinaridade
5. COVID-19 I. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e
Pós-Graduação II. Lorenzo, Deivid Carvalho – Orientador III. Título.

CDU 316.356.2-053.9

TERMO DE APROVAÇÃO

Ângela Virgínia Brito Ximenes

**“CONEXÕES ENTRE MULHERES IDOSAS EM TEMPO SUSPENSO: O
ÁRIDO PRESENTE ATRAVESSADO PELAS TRANSITÓRIAS MEMÓRIAS
FAMILIARES”**

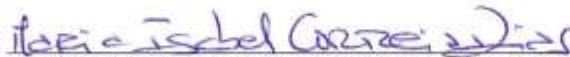
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 04 de março de 2022.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Deivid Carvalho Lorenzo
Orientador(a) - (Ad Hoc) - (UCSAL)



Prof. Dr. Maria Isabel Correia Dias (UPORTO)



Prof. Dr. Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti (UFBA)



Prof. Dr. Josimara Aparecida Delgado (UFBA)



Prof. Dr. Sheila Marta Carregosa Rocha (UNEB)



Prof. Dr. Maria de Fátima Pessoa Lêpikson (UCSAL)

ANGELA VIRGÍNIA BRITO XIMENES

**CONEXÕES ENTRE MULHERES IDOSAS EM TEMPO SUSPENSO:
O ÁRIDO PRESENTE ATRAVESSADO PELAS TRANSITÓRIAS
MEMÓRIAS FAMILIARES.**

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Maria Isabel Correia Dias (UPORTO)

Profa. Dra. Josimara Aparecida Delgado (UFBA)

Profa. Dra. Sheila Marta Carregosa Rocha (UNEB)

Profa. Dra. Vanessa Cavalcanti (UFBA)

Salvador

2022

AGRADECIMENTOS

Ao meu reencontro com a área das Humanidades incentivado, sobretudo, pela minha orientadora Dr^a. Vanessa Simon Ribeiro Cavalcanti a quem credito descobertas de livros, teses, filmes, tempos, gentes, críticas, inspirações, gentilezas e sons de violinos. Graças ao seu estímulo e força meus saberes ganharam maiores dimensões. O bom ensino não se desvincula jamais da aprendizagem

Ao Dr. Antônio Carlos da Silva, “membro por irmandade do *Grupo de Bloombury*” e que descortinou minha afinidade com Virginia Woolf.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pela valiosa bolsa de mestrado concedida.

À/os meus/minhas colegas, professores/as que empenharam distintas formas de bondade e acolhimento durante os meus aprendizados.

Agradecimento amoroso aos meus pais que com erros e virtudes cuidaram de mim de tal forma que em minha consciência a liberdade adquirida pelos valores apreendidos se fez plena.

À minha Fé sempre depositada em Nossa Senhora das Graças, e, cuja imagem e trajetória extraio muitos outros atributos para além da santidade.

Às minhas entrevistadas que seguraram minhas mãos me conduzindo pelos jardins das suas memórias. Especial gratidão e saudade por aquela que, lamentavelmente, a morte interrompeu suas narrativas.

E finalmente a mim mesma pelo meu singular enfrentamento ao processo existencial e social de acomodação. Firmei uma intencionalidade ao meu caminho a ser percorrido, caminhando vivo plenamente.

Seguirei ...

NÃO SEJA A QUERIDINHA DE NINGUÉM

Não seja a queridinha de ninguém;
Seja uma forasteira.
Pegue as contradições
De sua vida
E se enrole
Como um xale,
Para se defender das pedras para se manter aquecida.

Observe as pessoas sucumbindo
À loucura
Com grandes vivas;
Deixe que lhe olhem desconfiadas e sua desconfiança olhar de volta.

Seja uma forasteira;
Aprecie andar sozinha
(Fora de moda)
Ou junte-se à multidão nas bordas dos rios com outros tolos impetuosos
Crie um encontro feliz
Na margem
Onde milhares pereceram
Pois tristes palavras corajosas
Eles disseram.

Não seja a queridinha de ninguém;
Seja uma forasteira
Digna de viver
Entre seus mortos.
(Alice Walker, 2021)

A realização é sempre absoluta; a perda, ao contrário, é relativa.

(Agnes Heller, 2016)

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa de mestrado realizada em momento de impactos sistêmicos decorrentes da pandemia de SARS COVID-19, sobretudo às pessoas mais velhas referenciadas em suas vulnerabilidades. Inscrita na linha de pesquisa Família nas Ciências Sociais, traz um viés multidisciplinar sobre as necessidades existenciais de mulheres idosas e conexões com vozes femininas autorais delineiam a presente pesquisa. Uma abordagem qualitativa dos aspectos da velhice, mapeada por estudos bibliográficos transversais descritivos, exposta com experiências individuais ampliadas para escalas coletivas de socialização. O entrelaçamento de tempos e histórias de vidas tópicas de mulheres idosas – com recolha empírica e acompanhamento de três idosas com faixa etária entre 85 e 90 anos - realizado em encontros narrativos onde as conversas e uso de registro fotográfico e de objetos-memórias possibilitaram registrar memórias e histórias de experiências de vida. Ainda que as narrativas de vida como projeto epistemológico nas Ciências Humanas e Sociais se apresentem em vários estudos já produzidos, ofereço a minha contribuição acadêmica para promoção da justa simetria entre sujeitos e objetos de pesquisa propiciando considerações para um problema social da contemporaneidade: a velhice. Além das categorias extraídas, como resultados apontam-se a grande solidão e depressão sofridas pela população idosa em decorrência do confinamento imposto, a necessidade de valorização das memórias individuais para a construção das identidades coletivas, a importância de mais estudos sobre os sentimentos e seus significados políticos e sociais.

Palavras-chave: Velhice, mulheres, memórias, COVID-19, interdisciplinaridade

ABSTRACT

This is a master's research carried out at a time of systemic impacts resulting from the SARS COVID-19 pandemic, especially to older people referenced in their vulnerabilities. Enrolled in the Family in Social Sciences research line, it brings a multidisciplinary approach to the existential needs of elderly women and connections with authorial female voices outline the present research. A qualitative approach to the aspects of old age, mapped by describable cross-sectional bibliographic studies, exposed with individual experiences expanded to collective scales of socialization. The intertwining of times and stories of topical lives of elderly women - with empirical collection and follow-up of three elderly women aged between 85 and 90 years - carried out in narrative meetings where conversations and the use of photographic records and memory-objects made it possible to record memories and stories of life experiences. Although life narratives as an epistemological project in the Humanities and Social Sciences are presented in several studies already produced, I offer my academic contribution to the promotion of fair symmetry between subjects and research objects, providing considerations for a contemporary social problem: old age. In addition to the categories extracted, the results point to the great loneliness and depression suffered by the elderly population as a result of the imposed confinement, the need to value individual memories for the construction of collective identities, the importance of further studies on feelings and their meanings. political and social.

Keywords: old age, women, memories, COVID-19, interdisciplinarity

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CES-UC	Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNS-MS	Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde
COVID-19	<i>Corona Virus Disease</i> (Doença do Coronavírus), “19” refere-se ao ano 2019
FAPESB	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IE	Índice de Envelhecimento
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
NEDH	Núcleo de Estudos sobre Educação e Direitos Humanos
OMS	Organização Mundial da Saúde
PPGFSC	Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCSAL	Universidade Católica do Salvador

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Caminhos do envelhecimento no Brasil.....	30
Gráfico 2	Índices de Envelhecimento (IE) para 3 categorias de idosos Brasil, 1950 - 2100	31
Gráfico 3	Evolução da população idosas acima dos 80 anos (1940 – 2000)	32
Gráfico 4	Taxa – Idoso 85 anos ou mais - %: População Total.....	33
Gráfico 5	Óbitos com suspeita ou confirmação de COVID-19 por sexo e faixa etária.....	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	População Idosa Brasileira acima dos 85 anos de idade distribuídas por sexo	34
Quadro 2	População Idosa Brasileira acima dos 85 anos de idade distribuídas por cor ou raça	34
Quadro 3	Conceitos de Velhice – I	40
Quadro 4	Conceitos de Velhice –II	41

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

LISTA DE GRÁFICOS

LISTA DE QUADROS

O APRESENTAR	12
<i>I. O Perceber</i>	15
<i>II. O Remodelar</i>	17
1. O ABORDAR – Enquadramentos	21
2. O ENVELHECER	27
2.1. <i>O Devastar</i>	27
2.2. <i>O Libertar</i>	35
2.3. <i>O Cuidar</i>	42
3. O ORALIZAR - Da Importância da história oral	46
4. VIS – À – VIS	49
5. O CONECTAR – Sobre as Autoras e Verbos	62
6. O CONCLUIR	66
7. O REFERENCIAR - Referências	68
ANEXOS.....	77
CRÉDITOS DA AUTORA.....	78

O APRESENTAR

Mas desde então eu havia mudado tanto, quem sabe eu agora já estava pronta para o verdadeiro "era uma vez". Perguntei-me em seguida: e por que não começo? agora mesmo?

Seria simples, senti eu.

E comecei. Ao ter escrito a primeira frase, vi imediatamente que ainda me era impossível.

Eu havia escrito:

"Era uma vez um pássaro, meu Deus".

(LISPECTOR, 2019, p. 31) (grifos meus)

Era uma vez uma jovem estudante que ao fazer seu percurso diário até a escola enfrentava um grande morro de areia fina e quente. Ao chegar ao topo ela retirava seus sapatos e livrava-se dos grãos intrusos para então prosseguir a caminhada. Lembranças de um ritual reconstituído de tempos passados. Se é verdade que a memória está indissociavelmente ligada à vida social e à sua historicidade, marcada por práticas, representações e valores (MALUF, 1995), os grãos de areia imprimem destaque nas parcas memórias de uma senhora de 87 anos. Estamos em isolamento social imposto pela pandemia do coronavírus (SARS - COVID 19)¹, num transe em que tempos mortos ganharam mais vida. O mundo ainda não parece preparado para enfrentar trágicas perturbações.

[...] Tudo me fala e entendo: escuto as rosas
e os girassóis destes jardins, que um dia
foram terras e areias dolorosas,

[...]

(MEIRELES, Cecília, 2005, p.34)

Metaforicamente recorrendo às memórias alheias extraio as primeiras ideias deste trabalho de mestrado. O desafio de penetrar nas intimidades afetivas é sempre enorme e, conjugá-lo em tempos suspensos pressupõe coragem. “Por isso, mesmo

¹ A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. A mitigação recaiu, sobremaneira, em pessoas idosas pelas co-morbidades e vulnerabilidades múltiplas.

as mudanças mais desejadas carregam consigo a dificuldade e o perigo” (MALUF, 1995, p.66).

O movimento de recuperação da memória nas Ciências Humanas será moda acadêmica ou tem origem mais profunda como a necessidade de enraizamento? Do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade. (BOSI, 2018, p.16).

Antes de mais nada sinalizando um pedido de razoável licença à escrita científica e a sua rígida métrica transcenderemos na apropriação pelo genuíno valor das narrativas individuais carregadas de emoções em prol das espontaneidades e das verdades confiáveis. Saberes e vidas vivíveis mais do que transcrições – trazidas da Antropologia, Sociologia e Pedagogia – representando oportunidades de valorizar a linguagem ensaística e aproximar os sujeitos das investigações. A própria abordagem etnográfica pode ser capaz de nos levar a técnicas nunca antes imaginadas e que, se bem elaboradas, jamais perderão o vínculo com a realidade.

O fazer científico é complexo e as experiências humanas não podem ficar circunscritas às limitações metodológicas de investigação e divulgação (DALMOLIN, 2002; ALBERTI, 2019). A exemplo das referências deste trabalho – somente autoras – esta construção rastreará alternativas de valorizar as Ciências Humanas em suas mais diversas representações e possibilidades. O desafio persiste nas abordagens dos nossos temas e objetos de pesquisas com uma maior liberdade criativa numa perspectiva mais aproximada das Ciências Humanas do que das Ciências Exatas.

A diversidade tem lá seus riscos. Sabemos que as operações de conhecimento entre as áreas denominadas de Humanidades divergem das Ciências Experimentais no que tange, sobretudo, aos seus laboratórios. As Humanidades não podem testar de maneira definitiva comportamentos humanos, ou, construir leis abstratas que deem conta integral do movimento geral da história, elas apenas podem formular “leis históricas”, portanto provisórias, o que não significa que elas sejam arbitrárias e não científicas (ARRUDA, 2020).

Expor sentidos e narrativas será a preocupação basilar dessa investigação, almejando identificar, descrever e reforçar as múltiplas experiências relacionais – sociais, familiares e interseccionais (CASTRO, 2012; SARTI, 2001).

Esta pesquisa assume compromisso com a legitimidade que se espera nos estudos do mundo social realista sob o ponto de vista do seu caráter mais abrangente. A tensão de se (re)contextualizar discursos em tempos de angústias, medos, isolamentos, lutos e decretos de isolamentos em tempos pandêmicos por si só impõe um caminhar particular ao campo do fazer científico. As atividades colaborativas – interdisciplinares, iteccionais e transeccionais – ampliam os horizontes do saber configurado como ciência atravessando seus limites. O ato de narrar dando voz ao sujeito da pesquisa estimula a criação estética promovendo a valorização da presença do outro nos discursos. O narrar aqui concebido no descortinar de memórias, testemunhos, imagens e identidades capturadas nos universos de mulheres velhas reconhecendo que a abordagem temática não é mais exclusiva ao campo de estudo da gerontologia nascida na década de 40.

Las cuestiones teóricas planteadas en el debate contemporáneo a las que venimos aludiendo tomaron como punto de partida una serie de aproximaciones al tema autobiográfico, como la posibilidad de autognosis, la cuestión de la identidad y de la memoria, que siguen siendo cruciales y son interpretadas desde diversas perspectivas. (CHIKIAR, 2014, p.15).

A discussão dos laços intergeracionais através do desenvolvimento de pesquisas que envolvam novas e velhas figuras das famílias contemporâneas cristaliza-se num importante instrumento para novos desenhos de políticas sociais (VITALE, 2007, p.102). Embora diversas pesquisas sobre a velhice tenham sido realizadas ao longo das últimas décadas, o tema ainda é marginal. Se por um lado emergem interesses na compreensão dessa fase da vida em que se mais se pensa no passado do que se projeta o futuro, a evitação do tema ainda persiste.

As transversalidades de estudos analisadas por novos olhares epistemológicos de temáticas de gênero², novos arranjos familiares, os papéis das assistências públicas

² Gênero aqui correlacionado ao conceito dado por Joan Scott (1998), que escreveu em um texto recente: Por gênero me refiro ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se relaciona simplesmente às ideias, mas também às instituições, às estruturas, as práticas cotidianas, como aos rituais, e tudo o que constitui as relações sociais. O discurso é o instrumento de entrada na ordem do mundo, mesmo não sendo anterior à organização social, é dela inseparável. Segue-se, então, que o gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é causa originária da qual a organização social poderia derivar: ela é antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos. Tradução de Ana Maria Colling. Esta citação de Scott não está presente na

e privadas no bem-estar coletivo/individual, as novas relações familiares, a exaltação ao empreendedorismo/autonomia e as funcionalidades produtivas produzem novos desenhos no investigar a velhice.

I. O Perceber

O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros. Devemos usar o que achamos importante para chegarmos à escrita. Nenhum assunto é muito trivial. O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico (ANZALDÚA, 2000, p. 233).

Ao longo da vida, assim como a jovem senhora retratada, também acumulei areias nos meus sapatos, no entanto, nem sempre conseguindo retirá-las em tempo certo. Confesso. “As metáforas não são obscuras” (BOSI, 2018, p. 201), mas o dilema entre o tempo de aprendizagem e assimilação das lições, é por si só estratégico. Diante de tantas desconstruções de pensamentos, conceitos, teorias, comportamentos sociais e familiares acumulados na última década, a minha irremediável catarse de consciência aconteceu.

Em 2015, então aos 48 anos, em mais um momento de revisão das dormentes que apoiavam os trilhos da vida, iniciei um novo ciclo. Muito mais solitária do que impetuosa a ação trouxe recompensas libertárias. Aliás, como bem disse a Lola Aronovich no prefácio da obra *A criação do Patriarcado*:

E: como as mulheres podem se emancipar sem conhecer a própria história? Uma das funções da História em geral é preservar o passado coletivo e reinterpretá-lo para o presente. Aprendemos o passado também para poder evitar erros. Mas às mulheres é negado um passado. (LERNER, 2019, p. 25)

tradução do livro para o português, mas somente na edição francesa no Prefácio à Edição Francesa. A obra é traduzida no Brasil em 2002. Disponível em: 50 anos da Ditadura no Brasil: questões feministas e de gênero. OPSIS, Catalão, v. 15, n. 2, p. 370-383, 2015.

No terceiro semestre da segunda graduação as sementes de uma disciplina germinaram conhecimentos acerca de temas inexplorados por mim: imigrações, pessoas em situação de rua, mulheres vítimas de violências domésticas, Declaração dos Direitos Humanos, Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, violência de gênero, dentre tantos outros.

Descobertas das abordagens interdisciplinares. Não sem razão legitimou-se a busca pela extensão de um entendimento de mundo mais equitativo, adentrando pela promoção de uma educação para e pelos Direitos Humanos (CAVALCANTI & SILVA, 2015), e, pelos feminismos com todos os seus simbolismos, conquistas, limitações, impactos, erros e acertos fundamentais à minha emancipação.

Segundo Bebiano e Ramalho (2018) as ondas do feminismo podem ser classificadas em quatro – tendo em conta as temporalidades e os objetos de reivindicação. Igualdade social, econômica e política, sufrágio universal, luta por direitos sexuais, reconhecimento das identidades e diversidades, combate à misoginia são exemplos de algumas das pautas emancipatórias que marcaram suas expressões.

A expressão emancipação da mulher significa: liberdade das restrições opressivas impostas pelo sexo; autodeterminação; e autonomia (...) Liberdade das restrições opressivas impostas pelo sexo significa liberdade das restrições biológicas e sociais. Autodeterminação significa ser livre para decidir o próprio destino; ser livre para definir seu papel social; ter a liberdade de tomar decisões referentes ao próprio corpo. Autonomia significa conquistar o próprio status, não obtê-lo por herança ou casamento; significa independência financeira; liberdade de escolher seu estilo de vida e vivenciar sua orientação sexual – tudo isso sugere uma transformação radical de valores, teorias e instituições existentes (LERNER, 2019, p. 287).

(...) Os estudos feministas constituem-se, assim, como um campo polêmico, plural, dinâmico e constantemente desafiado; um campo que tem o autoquestionamento como “marca de nascença”. Como consequência, isso implica um fazer científico que supõe lidar com a crítica, assumir a subversão e, o que é extremamente difícil, operar com as incertezas (LOURO, 2002, p.14).

Quando da preparação do meu TCC sendo bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) sob a orientação da professora

Vanessa Cavalcanti integrei o Núcleo de Estudos sobre Educação e Direitos Humanos (NEDH/UCSAL).

No mesmo ano de defesa do TCC (2019), em instância de mobilidade internacional, participei da I Conferência Euroamericana para o Desenvolvimento dos Direitos Humanos realizada em Coimbra/Portugal - ocasião em que também assisti a alguns seminários promovidos pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Então isso era a felicidade. E por assim dizer sem motivo. De início se sentiu vazia. Depois os olhos ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo me transcende. O amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos. E o que é que eu faço? Que faço da felicidade? Que faço dessa paz estranha e aguda, que já está começando a me doer como uma angústia, como um grande silêncio? A quem dou minha felicidade, que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta? Não, não quero ser feliz. Prefiro a mediocridade. Ah, milhares de pessoas não têm coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz, e preferem a mediocridade. (LISPECTOR, 1999, p. 35).

A possibilidade de impulsionar as experiências curriculares através da formação em nível mais avançado de mestrado tornou-se nova meta. Em Portugal, por incentivo da minha orientadora surgiu a possibilidade de concorrer ao Mestrado integrado ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea (PPGFSC) da Universidade Católica do Salvador configurando a presente dissertação a conclusão dessa etapa.

II.O Remodelar

‘O que te tornou a pessoa que você é hoje?’ perguntavam-lhe às vezes em entrevistas ao longo dos anos, fazendo a pergunta como se fossem a primeiríssima pessoa a fazê-la. ‘Foi uma coisa só? Houve um momento em que você fez *a-há?*’ (WOLITZER, 2019, p.261). (grifos da autora).

A proposta de trabalho inicial de mestrado estava inserida na continuidade dos estudos sobre a importância de fixação de alimentos - Medida Protetiva prevista na

Lei Maria da Penha (Lei nº 112.340/06) - para as mulheres vítimas de violência doméstica. Condições limitantes decorrentes da pandemia da COVID-19 desviaram o curso dos planos. Constatando-se que em virtude das medidas implementadas para o distanciamento social, os aspectos quantitativos/ qualitativos vinculados aos processos judiciais em andamento nas Varas de Família de Salvador se tornariam inviáveis para as pesquisas de campo, outra escolha temática foi feita. As pesquisas migraram então para estudos em memórias narrativas de mulheres idosas, vulneráveis³ e reclusas pelas imposições pandêmicas.

Para além das histórias e estórias narradas as adversidades ocorridas nos cotidianos das sujeitas de pesquisa durante o trabalho passaram a compor, como esperado, o *corpus* desta pesquisa. A coleta de dados empíricos serviu-se de uma amostragem reduzida – três mulheres idosas, todas com mais de 85 anos - que em nada prejudicou a confiabilidade das considerações defendidas. As lentes de gênero concidentemente se cruzam nesta pesquisa uma vez que a viabilidade das entrevistas somente foi possível com as três mulheres referidas.

A recolha de dados envolveu entrevistas (inquérito na forma oral), observações participantes⁴ (na investigação qualitativa o investigador envolve-se em alguma medida com o seu objeto de investigação) e a análise documental.

Se não fosse assim, a entrevista teria algo semelhante ao fenômeno da mais-valia, uma apropriação indébita do tempo e do fôlego do outro.

Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo

³ A Organização Mundial de Saúde considera que estão em situação de vulnerabilidade as pessoas idosas com as seguintes características: idade superior a 80 anos; moram sozinhas; mulheres solteiras ou viúvas; residentes em ILPI; isoladas socialmente; sem filhos; com limitações severas ou incapacidades físicas, motoras, psicológicas e neurológicas; casais acima de 65 anos quando um dos cônjuges incapacitado ou doente, e os que vivem com recursos escassos. Nas várias políticas sobre dependência hoje existentes, os idosos são classificados pelo grau de gravidade de sua perda de autonomia. Os mais vulneráveis costumam ser os atingidos por enfermidades mentais como depressão, Alzheimer, demência senil, perda de movimentos, incontinência urinária e insônia, encontram-se em estado terminal ou em condição de privação social ou de liberdade Minayo, Maria Cecília de Souza. Cuidar de quem cuida de idosos dependentes: por uma política necessária e urgente. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2021, v. 26, n. 01 [Acessado 28 Junho 2021], pp. 7-15. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.30872020>>.

⁴ A observação participante é conhecida como trabalho de campo em que se permita ao observador descobrir como algo funciona ou ocorre. As discussões metodológicas sobre a função da observação como método de pesquisa têm sido essenciais na história da pesquisa qualitativa. Na observação participante, é o próprio investigador o instrumento principal da observação, num contato direto, frequente e prolongado com os atores sociais e os seus contextos. (BOUTIN, Gérald; GOYETTE, Gabriel; LESSARD-HÉBERT, Michelle; *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. 3ª ed. – Instituto Piaget, 2008).

que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de lembrar quanto o das pessoas ditas importantes. (BOSI, 2018, p. 61)

Compreendendo e reconhecendo cada vez mais a importância do feminismo em suas múltiplas dimensões (históricas, políticas, econômicas e sociais) e buscando o entrelaçamento da minha pesquisa com mulheres velhas em seus relatos sobre si mesmas como elementos integrantes das epistemologias feministas⁵ (BUTLER, 2018; SATTler, 2019) detectamos que a questão dos obstáculos nas representações das velhices resulta-se contemporaneamente urgente.

A emancipação feminina é processo e não somente um fim em si mesma, o que poderíamos chamar de um redirecionamento dos lugares das mulheres velhas na sociedade contemporânea coincide com análise do processo de perdas e ganhos que afeta as idosas

Assim como o gênero, raça e etnia, o campo etário cada vez ganha importância nas interpelações analíticas do novo cenário social moderno. Considerar, particularizadamente, os novos papéis das mulheres velhas em suas experiências diante da estigmatização, da solidariedade intergeracional e das suas demandas pelo justo reconhecimento e prazer, ajudam na compreensão do envelhecer como processo não genérico.

Em outras palavras, se o tempo confere singularidade a cada experiência concreta a vida humana, também a define como vivência da pluralidade, uma vez que cada movimento da história se entrecruza em tempos múltiplos, que acoplados à experiência única/espacial lhe conferem originalidade e substância (DELGADO, 2009).

As memórias e seus vestígios respondem de acordo com várias contextualizações, inclusive nas digressões e silêncios tão presentes nos lapsos de esquecimentos de senhoras idosas. Como bem provocou Simone de Beauvoir (2018, p. 381), “sabe-se que a memória exige o esquecimento; se gravássemos tudo, não disporíamos de

⁵ Para melhor elucidar a expressão “epistemologias feministas” recomenda-se a leitura do texto intitulado “Epistemologia Feminista”, de autoria de Naomi Scheman (2020), com tradução de Rafaela Vaccari e Gisele Secco. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/5058>

nada”. Do mesmo modo para Marilena Chauí, “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (CHAUÍ, 1995, p. 125).

A possibilidade de contar e de ouvir “estórias” é tecida pelo próprio esquecimento, esquecimento que permite narrar uma mesma história, sempre a mesma e sempre outra, pelas lacunas abertas por nossa própria indeterminação, indeterminação pela qual se exerce a ação de tempos heterogêneos e que configuram nossa identidade. (MATOS, 2001, p.18)

As pessoas idosas ainda são retratadas em preconceitos e representações limitadas pela invisibilidade de negações: não-ativo, não-feliz, não-autônomo, não-saudável, não-ocupado e, que, portanto, não contribuem para a sociedade. Os grandes discursos de inclusão social contrastam com as realidades das escassas ações políticas que limitam as vidas das pessoas longevas.

Com toda a razão Alda Britto da Motta (2002) alerta sobre a incapacidade social de dar conta da atual longevidade dos mais velhos, talvez afastada da imagem, atualmente idealizada, dos idosos dinâmicos e alegres dos grupos de ‘terceira idade’, inventa-se uma inescapável ‘quarta idade’, prenunciadora ainda de talvez uma quinta. E sobre estas, quase ninguém quer estudar ou conhecer.

E as mobílias de cabiúna.
 E as cortinas amarelas.
 Dom José. Dona Maria.
 Fogos. Mascaradas. Festas.
 Nascimentos. Batizados.
 Palavras que se interpretam
 nos discursos, nas saúdes...
 Visitas. Sermões de exéquias.
 Os estudantes que partem.
 Os doutores que regressam.
 (Em redor das grandes luzes,
 há sempre sombras perversas.
 Sinistros corvos espreitam
 pelas douradas janelas.)
 E há mocidade! E há prestígio.
 E as ideias.
 (MEIRELES, 2005, p.64)

Múltiplas velhices surgiram ao longo dos séculos - novas formas de definição e aferição, atributos como visão, capacidade procriativa, aposentadoria, são alguns dos parâmetros manifestados - muitas histórias diferentes, e, as verdadeiras histórias das velhices resultando do acúmulo de pequenas/grandes e sossegadas/excitantes narrativas. Assim construímos o processo de montagem de histórias das velhices em diferentes tempos e lugares como sugere Pat Thane (2003).

1. O ABORDAR- *Enquadramentos*

Em resumo, as ciências sociais hoje, como no passado, continuam na pauta de plausibilidade enquanto conhecimento científico. Seu dilema seria seguir os caminhos das ciências estabelecidas e empobrecer seu próprio objeto? Ou encontrar seu núcleo mais profundo, abandonando a ideia de cientificidade? (MINAYO, 2001, p. 12).

A boa pesquisa é necessariamente incompleta, seu “não acabamento” é fundamental. As ciências da natureza, como as da cultura, devem tender para o infinito, conscientes do seu dever. Sempre se poderia ter ido mais longe na investigação daquele infinito que nos chama e certamente alguém o fará. (BOSI, 2010, p.19)

Trata-se de um estudo do tipo revisão bibliográfica, transversal, descritiva aliada a uma abordagem qualitativa. A opção foi por uma reduzida amostragem de mulheres idosas, em situação de restrições sociais - impostas pelas medidas sanitárias de proteção contra a COVID-19 – nascidas na cidade de Aracaju na década de 1930. Os universos de narrativas e ações foram costurados com as agulhas do empirismo e da teoria. “A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa transmitir o “em si” do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa”. (BOSI, 1994, p. 88).

“As pérolas são feitas de mistérios e aventura; se você acompanhar a trajetória de uma única pérola, isso lhe dará material para uma centena de histórias. As pérolas são como contos do poeta. ” (BLIXEN,1986, p. 47).

A história de vida (HV) abordada como uma narrativa em profundidade na qual o (a) pesquisador(a) constantemente interage com participantes. Sua principal função é retratar as experiências vivenciadas, narradas e contadas (BOSI, 2018). Existem dois tipos de HV: a completa - que retrata todo o conjunto da experiência vivida; e a tópica - que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão

(MINAYO, 1993). A pretensão do trabalho se traduz na utilização das histórias de vida tópicas, permitindo que a informante retome sua vivência de forma retrospectiva e assim, possibilite que os relatos encontrem o reflexo da dimensão coletiva por uma visão individual.

Mas como pode o pesquisador desvendar as expressões desta substância narrativa, se ela se aproxima apenas periodicamente do grupo [...]. Pois bem, essas atitudes se traduzem em signos na nossa expressão corporal, na roupa, na fala, que também são captadas pelos dialogantes (BOSI, 2018, p. 153).

A utilização de técnicas e procedimentos etnográficos não seguirão padrões rígidos, deste modo, o que deve guiar o processo é o senso reflexivo a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa.

A classe social na qual as entrevistadas estão inseridas será também considerada - todas pertencentes à classe social C⁶ - tendo em vista que testemunhos orais muitas vezes são dominados por estereotípias⁷ que, sucumbem por uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, com poder de difusão alimentada por imagens e valores que dão identidade àquela classe (BOSI, 2018).

Destaco que a classe social indica somente uma informação, e não um aspecto de relevante influência no resultado do trabalho. Obviamente que no discutir sobre a velhice o grau de desenvolvimento socioeconômico confere uma provável justiça no trato, mas a verdade é que o dinheiro não consegue apagar o caráter depreciativo da velhice.

⁶ No Brasil, a classe social é algo um pouco complicado de ser definido. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) usa uma classificação mais simples para compreender o assunto. O Instituto utiliza a renda mensal de todos os residentes da mesma casa para elencar dos mais ricos aos mais pobres. Classe A: representa a parcela mais rica do país. O valor somado que compreende os pertencentes a essa classe são acima de 20 salários-mínimos. Classe B: representa a soma dos rendimentos dos residentes de uma casa que ultrapassem 10 salários-mínimos e cheguem até 20 salários-mínimos. Classe C: são consideradas as famílias que possuem a soma dos rendimentos entre quatro e dez salários-mínimos. Classes D e E: além das três classes acima, o IBGE considera outros dois grupos que entram dentro das classes D e E. Para a classe D, são consideradas as famílias que possuem os rendimentos entre dois e quatro salários-mínimos. Já as famílias de classe E são aquelas que possuem os rendimentos de no máximo dois salários-mínimos. Disponível em <https://fdr.com.br/2020/10/03/classe-social-descubra-se-pertence-ao-grupo-b-ou-c/> Acessado em 02.04.2020. O valor do salário-mínimo na época deste trabalho corresponde a R\$1.045,00 (um mil e quarenta e cinco reais).

⁷ Aqui na acepção de ações repetitivas.

[...] uma investigação sobre métodos alternativos de análise e discurso epistemológico e científico em direção a compreensões do mundo que possam ser não quantitativas, não competitivas e não meramente argumentativas, mas mais holísticas, mais narrativas, sintéticas, intuitivas e imaginativas e mesmo amorosas – de cuja legitimação depende o reconhecimento de estilos cognitivos plurais em conjunção com as diferentes visões de mundo, crenças e saberes daí resultantes (SATTLER, 2019, p. 10).

Consoante entendimento de Ecléa Bosi, na obra *Memória e Sociedade* (1994), uma pesquisadora precisa ter respeito pela figura do outro que a move no sentido de promovê-lo e nunca de utilizá-lo em seu proveito próprio, o outro não pode se resumir a um personagem que depois será deixado para trás como meros objetos de pesquisas.

O principal esteio do meu método de abordagem foi a formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito (BOSI, 1994, p.37 e 38).

Um olhar especial sobre a senilidade feminina projeta as questões das afetividades e suas assimetrias sob a perspectiva de entendimento social e político. A colcha de retalhos construída ao longo dos anos vividos é composta em grande medida por elementos não racionais – religiosos, éticos e morais – e nessa costura indentitária/existencial os sentimentos se inscrevem. Eis que as sensibilidades importam para a inclusão da velhice como força social e política sendo, portanto, tangenciadas no decorrer deste trabalho.

Assim como o tema da velhice sugeriu atenções de diversss áreas do conhecimento diante das transformações sociais contemporâneas – segunda metade do século XX - a afetividade e o emocional também ganharam relevância de estudos e reescritas

por várias áreas do conhecimento. Os afetos⁸ em suas múltiplas subjetividades desafiam reflexões dentro do campo das relações sociais e de poder político.

Na concepção de Clare Hemmings (2005), o afeto quando combinado com as teorias e práticas feministas pode exercer importante papel transformador no que pese na ideia de que tal sentimento não é autônomo e carrega significado social.

O ponto de partida para o levantamento teórico de revisão literária incluiu levantamento bibliográfico em livros, teses, artigos, periódicos e documentos. A busca pela produção de teses de doutorado e dissertações de mestrado provenientes de Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* através de buscas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), plataforma *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Repositórios Institucionais Nacionais e Internacionais.

Liberdade — essa palavra
que o sonho humano alimenta:
que não há ninguém que explique,
e ninguém que não entenda!
(MEIRELES, 2005, p. 108)

A pesquisa interdisciplinar buscou desvendar as memórias de mulheres idosas reclusas com a percepção dos seus papéis numa perspectiva construtivista. Sustentar o binômio velhice x qualidade de vida compreendidos na visão teórica-ideológica perpassa por (re)conhecer cada história, lembrança e identidade. Em cada memória pessoal compartilhada brota a semente de uma memória coletiva.

“[...] não há memória para aqueles a quem nada pertence. Tudo o que se trabalhou, criou, lutou, a crônica da família ou do indivíduo vão cair no anonimato ao fim de seu percurso errante.” (BOSI, 2018, p. 163).

⁸ Como esclarecimento terminológico os conceitos de: afeto, emoção e sentimento não serão abordados neste trabalho como sendo divergentes. Contribuições contemporâneas de Brain Massumi (2002) e Eve Kosofsky Sedgwick (2003). De acordo com essa perspectiva, os afetos são definidos como intensidades ou forças somáticas que aumentam ou diminuem a capacidade de uma pessoa de agir corpo. Como produtos da experiência sensorial, eles são fenômenos não-conscientes e não-verbais e só adquirem conteúdo semântico quando são tornam-se emoções, isto é, quando são codificadas e narrativizadas de acordo com as normas sociais existir. Ao contrário das emoções, os afetos excedem as convenções culturais, diferem de pensamento consciente, e têm uma dinâmica e uma vida própria que é autônoma do estrutura social. (Hemmings Clare, 2005; Solana e Vacarezza, 2020).

Os quatro pilares e a sedimentação do trabalho:

- I. O envelhecimento na sociedade brasileira sua heterogeneidade circunscrita em dados estatísticos e fenômenos de interesses sociais e privados. Uma análise velhice no cenário de pandemia da COVID-19, sobretudo na percepção da ética do cuidado, da estigmatização, da solidariedade intergeracional, da modernidade individualista e dos afetos.

A perda do sentido da tradição e o processo de individualização e de automação do sujeito, processos sociais que caminham juntos, moldaram uma nova configuração familiar, redefinindo o cuidado dos dependentes, ao alterar as relações entre homem e a mulher e entre as gerações. (SARTI, 2001, p.91)

- II. A importância do reconhecimento da história oral e memórias de mulheres idosas para as Ciências Humanas.

A ideia de um *trabalho de enquadramento* da memória ajusta-se bem à ênfase que procuro dar aqui à ideia de uma *ação* da memória. No caso das entrevistas de história oral, podemos falar de um trabalho de enquadramento e de manutenção da memória levado a cabo tanto pelo entrevistado quanto pelo entrevistador. (ALBERTI, 2019, p. 37) (grifos da autora).

Mais complicada que as sociedades animais, comunidade humana primitiva tem ainda mais necessidade de um saber que só a tradição oral pode transmitir. Se, graças à sua memória, o idoso é depositário da ciência, se conserva a lembrança do passado, ele suscita o respeito. (BEAUVOIR, 2018, p. 48)

- III. A integração dos aspectos complexos e multidimensionais gerados pela pandemia e pelo isolamento social – lócus de vivências - com o foco nas idosas com mais de 85 anos.

[...] fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto enquanto ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir suas lembranças (BOSI, 1994, p. 38).

- IV. Algumas abordagens da literatura produzida por mulheres que utilizaram a escrita como ferramenta de revelação de realidades tradicionalmente silenciadas pelas sociedades patriarcais. Chamando a atenção para as

percepções narrativas nas quais a mulher velha possa ser inteiramente sujeito do seu corpo, tempo e espaço.

[...] um ato que reverbera na vida, na própria e na dos outros. Reverberar na vida significa aqui talvez apenas adensá-la de sentido. E a pergunta pelo sentido é um lugar de confluência entre ética e estética. (KLINGER, 2014, p. 54).

O presente trabalho justifica-se pela necessidade de uma contínua e evolutiva compreensão das dimensões metodológicas, ontológicas, teórico-epistemológicas nas pesquisas qualitativas.

A escrita biográfica também se articula com a temática da memória coletiva, o testemunho⁹, o depoimento oral, e as narrativas históricas que ampliam o papel do indivíduo como um legítimo ator de suas experiências pessoais na elaboração de fatos passados.

À semelhança do trabalho do coreógrafo, o investigador qualitativo combina procedimentos rigorosos com um fim em aberto que o modelo hipotético-dedutivo clássico não permitiria alcançar. O “bom coreógrafo” é aquele que consegue captar a complexidade da dança e torná-la “óbvia” aos olhos de quem o observa; o investigador como coreógrafo é, na perspectiva desta autora, aquele que consegue tomar uma parte do “real”, contextualizar e re-contextualizar continuamente a investigação a partir do seu background teórico e dos dados trazidos a lume pelos participantes no estudo, conferindo-lhes sentido e permitindo uma compreensão “a partir de dentro”. (COSTA, 2013, p.3 e 4)

É necessário saber aproximar a realidade e os aspectos sociais ao conhecimento científico, sem sobrepujar símbolos, crenças, valores e significados pertinentes aos processos da vida cotidiana que sempre é mutável. Ademais, dar continuidade aos

⁹ A historiadora francesa Annette Wieviorka nasceu em Paris em 1948. Pertencente a uma família judia de origem polonesa, iniciou suas pesquisas sobre a perseguição aos judeus na França e na Polônia durante a Era Nazi na década de 1970 e, desde então, publicou diversos livros sobre o assunto, sendo hoje reconhecida como uma das mais importantes historiadoras do Holocausto. Wieviorka insere **o testemunho** no centro das pesquisas históricas sobre o Holocausto, estabelecendo uma nova relação da história com o passado e a memória, em que o testemunho se torna o vetor e “o universal reside no mais fragmentário”, sem espaço para verdades universais ou totalizantes. Annette Wieviorka chamou o novo processo de mutação da história “**a era da testemunha**”, ao abordar em suas obras os testemunhos sobre o Holocausto. O testemunho é um verdadeiro imperativo social e não é mais uma necessidade interior segundo a autora. (Fernandes, Luciane Bonace Lopes, Literartes, n. 13, 2020.)

processos de pesquisa sociais aludindo ao vulnerável e ao precário (mulheres e velhice) fortalece sobremaneira o singular exercício do bem viver.

Os objetivos específicos serão mesclados através da triangulação das seguintes perspectivas:

- a) Ética: a perspectiva enquanto observadora e pesquisadora, uma visão própria em relação às entrevistadas, sobretudo nas sutilezas dos valores sentimentais atribuídos às memórias e aos seus cotidianos.
- b) Êmica: a perspectiva sob a ótica de cada uma das entrevistadas;
- c) Referencial: a perspectiva extraída de fontes e registros de outras obras.

2. O ENVELHECER

2.1. O Devastar

A velha quis responder, mas não pôde. Quis sorrir, não conseguiu. Olhou para todos, com olhos lacrimejantes, o que os outros já sabiam que não significava chorar. Qualquer coisa em seu rosto amorteceu um pouco. (LISPECTOR, 1998, p. 47).

O Brasil de acordo com recentes estudos populacionais realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁰ possui mais de 30,2 milhões de pessoas idosas. A esperança de vida ao nascer é, em média, 75,4 anos para os homens e 78,2 para as mulheres, sendo que a faixa etária que mais cresce é a de 80 anos, o que demonstra a relevância constante de estudos sobre esse grupo social específico da nossa sociedade. Com as taxas de fecundidade e mortalidade declinando os estudos

¹⁰ Dados extraídos pelo site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Projeções da população: revisão–2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101597>. Acessado em 13 de abril de 2021.

realizados pelo Instituto de Pesquisas Econômicas (IPEA)¹¹ apontam que o número de idosos (maiores de 60 anos) deve chegar a 25,5% da população até 2060.

A população idosa tende a crescer no Brasil nas próximas décadas, como aponta a Projeção da População do IBGE, atualizada em 2018. Segundo a pesquisa, no ano de 2043, um quarto da população brasileira deverá ter mais de 60 anos, enquanto a proporção de jovens até 14 anos será de apenas 16,3%. A partir de 2047 a população deverá parar de crescer, contribuindo para o processo de envelhecimento populacional – quando os grupos mais velhos ficam em uma proporção maior comparados aos grupos mais jovens da população. Em 2050, um em cada três brasileiros será idoso.

“O envelhecimento da população é um dos maiores triunfos da humanidade” (OMS,2005, p. 8)¹².

A transição demográfica brasileira sempre foi silenciada cultural, social e politicamente. Há muito deixamos de ser um país predominantemente jovem para nos tornarmos demograficamente um país cada vez mais velho.

Em 2020 por ocasião do 75º aniversário das Nações Unidas (ONU) e pelo 30º aniversário do Dia Internacional do Idoso a Organização Mundial da Saúde (OMS) propôs a Década do Envelhecimento Saudável (2020-2030) ao qual o Brasil se comprometeu, porém, não executa. Aliás, a própria OMS, contrariando a ideia do saudável envelhecer por ela preconizada decidiu incluir a CID 11¹³ como apta a diagnosticar a velhice como doença.

A previsão é a de que no início de 2022 a inclusão do código que designa velhice como doença seja efetivada fazendo com que se agravem os preconceitos e as discriminações contra idosos.

¹¹ https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33875:populacao-idosa-brasileira-deve-aumentar-ate-2060&catid=30:disoc&directory=1. Acessado em 29 de maio de 2021

¹² ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Envelhecimento ativo: um projeto de política de saúde. Madrid: OMS, 2005.

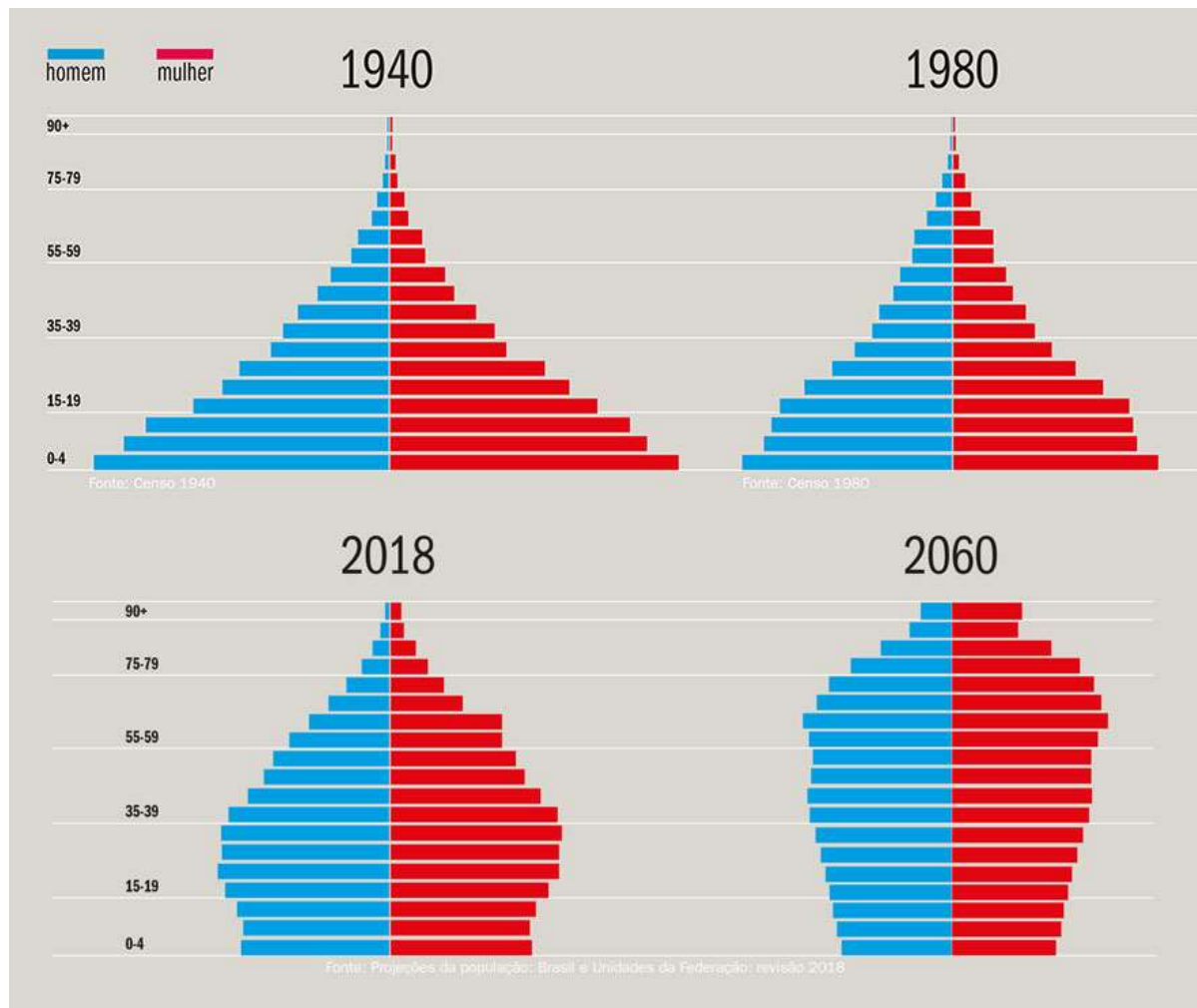
¹³ CID (Classificação Internacional de Doenças) constitui-se numa tabela publicada pela OMS (Organização Mundial da Saúde) com cerca de 55 mil códigos que padronizam diagnósticos. Essa classificação é bastante utilizada pelos profissionais de saúde, pesquisadores e formuladores de políticas públicas em geral.

A compreensão de Josimara Delgado (2018) para às escassas iniciativas de proteção e assistência do poder público brasileiro para essas pessoas idosas é clara. Para ela, o Brasil deixa nas mãos da filantropia e dos arranjos com instituições privadas as ações em defesa a população idosa já tão marcada pelo preconceito, infantilização, desrespeito e violação de direitos.

A professora Nara Costa Rodrigues (2000), que dedicou grande parte da sua vida à Gerontologia, lutando por defesas e conquistas dos idosos brasileiros, tratou sobre a apresentação do correto uso da política social para a velhice como instrumento de integração social. Quando o velho for, de fato, o sujeito da ação ele será subsidiariamente o agente de sua própria promoção e integração na sociedade. Se ele for apenas objeto, dirigido e, às vezes, manipulado por tecnocratas, ela será um instrumento de marginalização social.

O Brasil envelhece rapidamente. As representações gráficas das pirâmides etárias dos anos 1940, 1980, 2018 e, projeções para 2060 revelam o estreitamento das bases populacionais, enquanto seus topos apresentam significativo alargamento. A seguir veremos a ilustração gráfica do envelhecimento brasileiro segundo dados do IBGE:

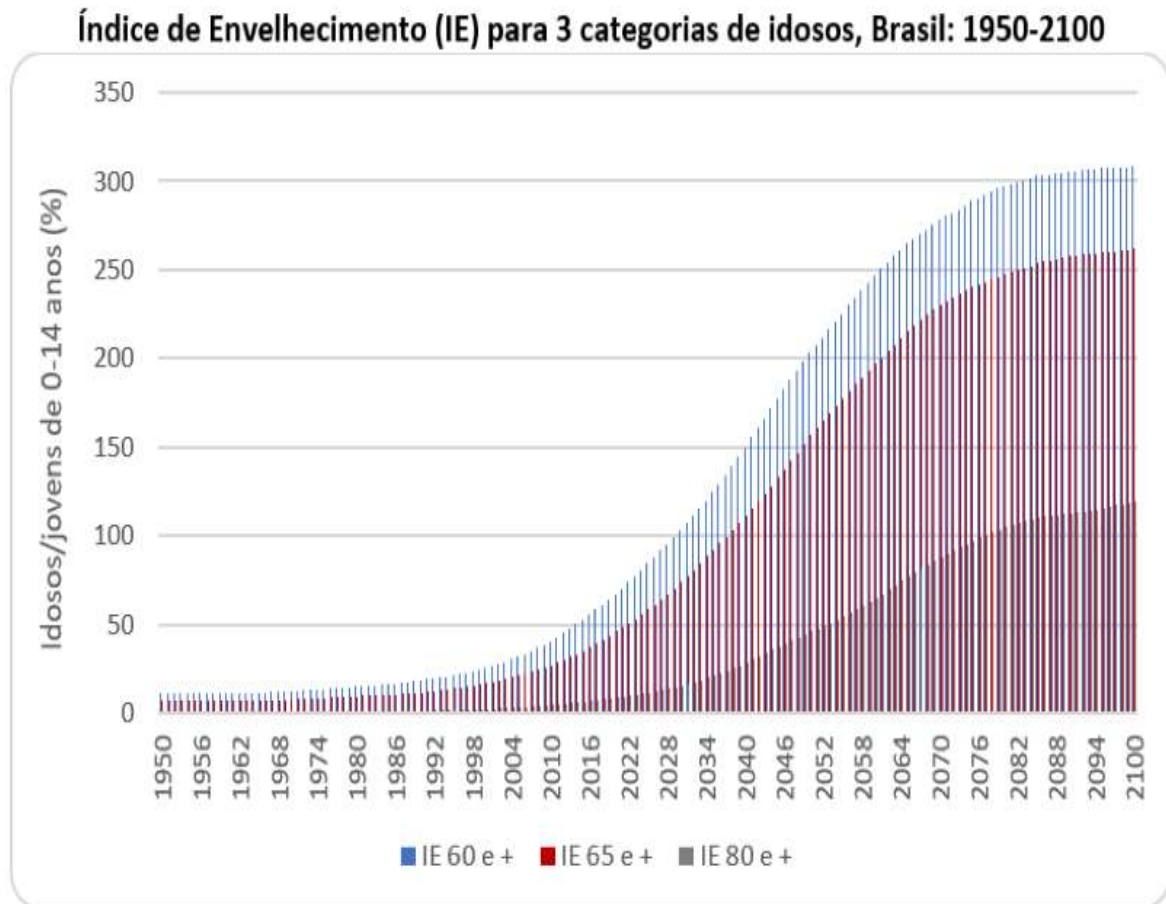
Gráfico 1. Caminho888s do envelhecimento no Brasil



Fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade>

Projeções indicam que em 2030 o Brasil será considerado um país idoso se consideramos os idosos de 60 anos e mais. Considerando os idosos na categoria acima dos 65 anos passaremos a ter uma estrutura envelhecida em 2038. Em 2077 contaremos com uma população idosa com idade acima dos 80 anos superior à dos que jovens de 0 a 14 anos

Gráfico 2



UN/Pop Division: World Population Prospects 2019 <https://population.un.org/wpp2019/>

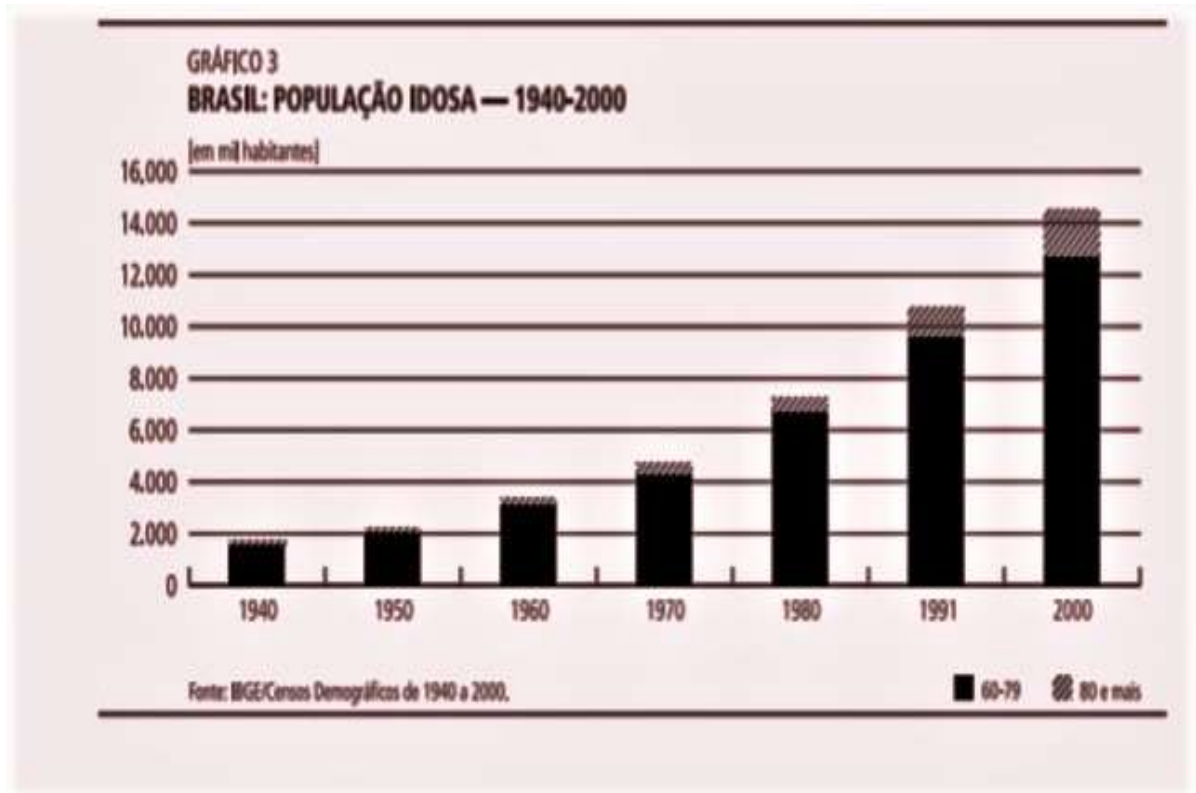
O intervalo etário que define o segmento idoso é bastante amplo, assim a sua população é muito heterogênea. Os avanços da medicina e da tecnologia levaram a um aumento da sobrevivência dos indivíduos e o subgrupo de pessoas com mais de 80 anos – os denominados de “mais idosos” – passou a ganhar maior representatividade dentro do grupo dos idosos.

Vejamos os próximos gráficos que revelam a evolução, em termos absolutos, da população idosa brasileira incluindo parcela acima dos 80 anos.

Em 1940, os “mais velhos” respondiam por cerca de 10% da população idosa. Já em 2000 esse mesmo subgrupo passou a responder por 13% do total dos idosos.

Gráfico 3

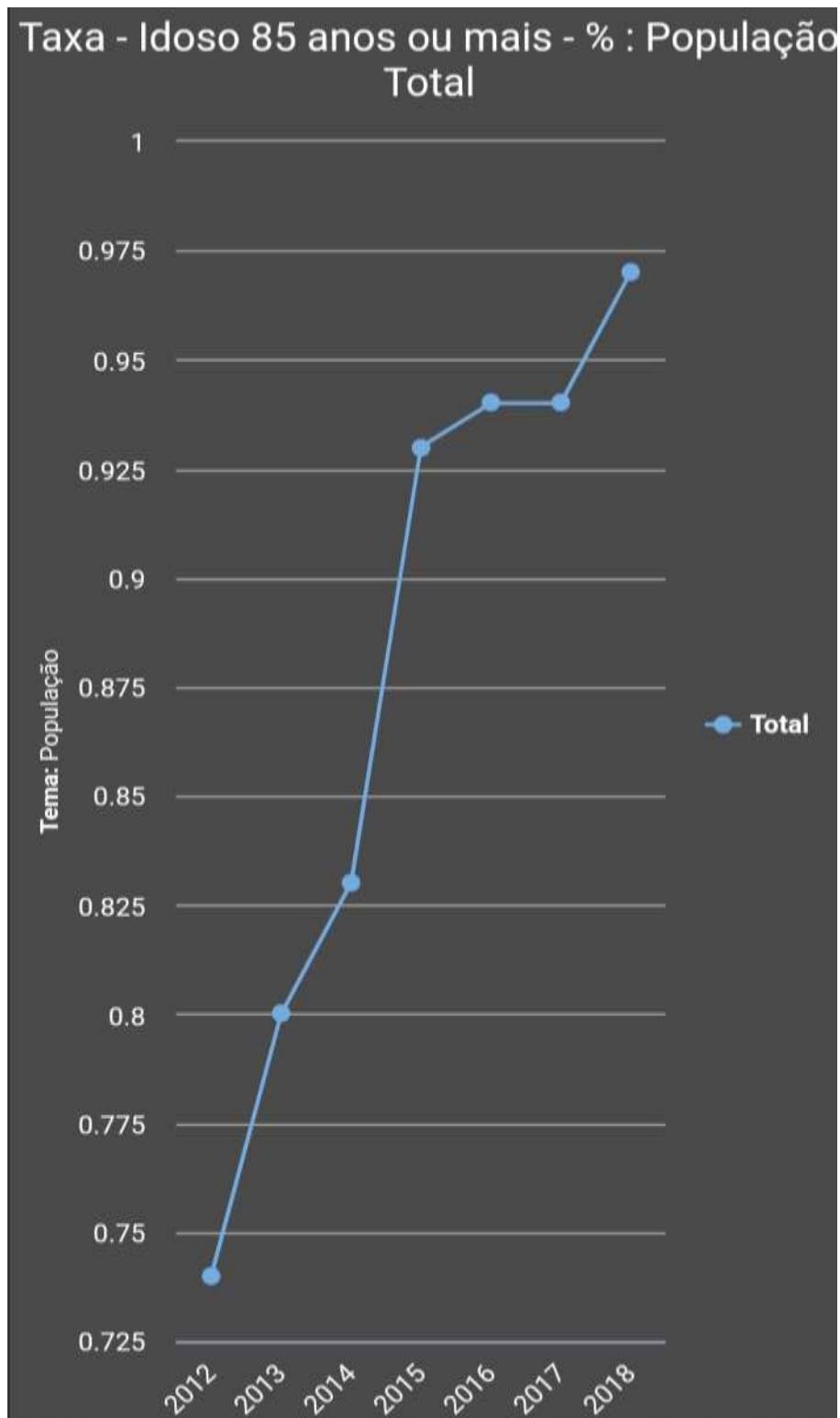
Evolução da população idosas acima dos 80 anos



Fonte: Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60? Organizado por Ana Amélia Camarano.- Rio de Janeiro: IPEA, 2004 <http://www.ipea.gov.br>

Alguns estudiosos do envelhecimento na contemporaneidade subdividem os idosos nos seguintes grupos: os idosos jovens, os idosos velhos e os idosos mais velhos. Idosos jovens seriam as pessoas de 65 a 74 anos, os idosos velhos com idades entre 75 a 84 anos, e os idosos mais velhos, de 85 anos ou mais. Embora o envelhecimento seja uma experiência heterogênea, vivida como uma experiência individual a subdivisão etária dos idosos surgem em vários estudos.

Gráfico 4



Fonte: FGV Social/CPS através do processamento dos microdados da PNAD Contínua Anual/IBGE

<https://cps.fgv.br/covidage>

Em abril de 2020, o Centro de Políticas Sociais da FGV (Fundação Getúlio Vargas) publicou e disponibilizou importante estudo sobre os idosos e a COVID-19. Trata-se de um amplo banco de dados interativo com mapas, rankings, tabuladores e simuladores de modelos estatísticos sobre anciãos de diversas faixas etárias. Alguns dos gráficos e tabelas apresentadas neste trabalho foram retirados do referido banco de dados.

Para fins de uma percepção mais integrada com as sujeitas desta pesquisa elegemos dados onde mulheres idosas brancas, com idades acima de 85 anos, estivessem representadas.

Quadro 1 - População Idosa Brasileira acima dos 85 anos de idade distribuídas por sexo

Categoria	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Homem	0,57	0,6	0,61	0,67	0,69	0,71	0,73
Mulher	0,91	1	1,05	1,17	1,19	1,16	1,19

Fonte: FGV Social/CPS através do processamento dos microdados da PNAD Contínua Anual/IBGE.

[Download](#)

Quadro 2 - População Idosa Brasileira acima dos 85 anos de idade distribuídas por cor ou raça

Categoria	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Amarela	1,82	1,31	2,17	3,03	2,1	2,51	1,61
Branca	0,93	1,03	1,07	1,16	1,24	1,19	1,28
Indígena	0,91	0,78	0,27	1,01	0,65	1,03	0,86
Parda	0,52	0,57	0,58	0,66	0,67	0,7	0,7
Preta	0,83	0,79	0,81	0,97	0,81	0,89	0,87

Fonte: FGV Social/CPS através do processamento dos microdados da PNAD Contínua Anual/IBGE.

Embora o presente trabalho não tenha como objetivo abordar as realizações públicas e privadas no Brasil, não há como tratar de pessoas idosas sem apontar a relevância do papel social na gestão da digna velhice. Qualquer transformação direcionada às pessoas idosas exige que elas figurem ao mesmo tempo agentes e destinatários das ações de promoção.

Independentemente de políticas nacionais ou setoriais, as identidades individuais quando bem preservadas constroem a verdadeira identidade coletiva de uma sociedade.

São as políticas públicas e familiares que auxiliam a autonomia física, psicológica e financeira dos mais longevos. Elas viabilizam o acesso aos direitos básicos tais como: alimentação, habitação, saúde, segurança, trabalho, lazer e educação. O zelo é atribuição familiar e institucional.

O período denominado “velhice” cobre atualmente um espectro de até 30 anos de vida, o que coloca a primordialidade de políticas diferenciadas. Não se pode perder de vista a principal amálgama social — a solidariedade — em todas suas formas: intergeracional, familiar, social — ao pensar mecanismos viáveis para a promoção do bem-estar social. (CAMARANO & PASINATO, 2004).

2.2. O Libertar

Apesar das barreiras, do confinamento, até mesmo de lesões, e alguém se determinar a viver plenamente, a partir daí outros também o farão, e esses outros incluem filhos, companheiros, amigos, colegas de trabalho, desconhecidos, animais e flores. Quando uma pessoa vive de verdade, todos os outros também vivem (...) Viver para que outros também se inspirem. (ESTÉS, 2007, p. 16).

O olhar interdisciplinar a partir de qualquer área de conhecimento, ou a partir das nossas próprias biografias viabilizam o entendimento de (pré)conceitos socialmente associados à cultura do envelhecer.

Matizes da vida social, familiar e laboral–cotidiana nos tempos atuais, com inúmeras violações aos Direitos Humanos, trazem abordagens e análises extremamente importantes e clamam por miradas interdisciplinares. (CAVALCANTI, 2019, prefácio).

De fato, não nos damos conta que o processo de envelhecimento se inicia desde a concepção do ser humano, e por ignorar o processo natural acabamos por rejeitá-lo,

invisibilizando a velhice e associando-a com a perda de vontades, desejos e capacidades (PACHÁ, 2018).

O envelhecer é subjetivo. Cada pessoa enfrenta o processo de maneira mais difícil ou mais suave dependendo de contextos de histórias de vida, mas como todo modelo caricatural – etnocentrismo - tende a exclusão social. Ninguém gosta de ser velho. Tal negação transfere a velhice sempre para outro, como um espetáculo social do qual há apenas observadores e não atores ativos.

Varre-se a alma
 mas entre as gretas
 sempre resta
 estática poeira.
 Jamais devolverás, memória,
 a juventude em carne e osso.
 O que nos sobra além de fotos
 é carne mumificada sem sangue
 sem esperança e sem alvoroço.
 Dias de sol
 e fomos espigas.
 Hoje não somos
 mais que sabugos.
 Onde os grãos?
 (CABRAL, 1986, p. 90).

A imagem da velhice, enquanto categoria histórica, tal como descrita na poesia de Astrid Cabral sempre foi associada a angústias, incertezas e abandonos. No entanto, há que se ponderar que poetas pertencem a uma classe privilegiada e que isso retira parte do valor de suas palavras, deste modo a poesia expressa apenas uma verdade incompleta, espontaneamente e frequentemente sem mentiras é claro. Essa vertente segue o contrário dos moralistas ideólogos que concebem uma velhice de acordo com os interesses de sua classe (BEAUVOIR, 2018).

A estática poeira citada nos versos revisitados merece atenção e esperança. As fotografias, por exemplo, permitem avançar nas criações imaginárias para além das identidades e atributos. Numa espécie de múltiplos dimensionamentos revela-se o coletivo. Pessoas velhas com almas jovens? Pessoas jovens com almas velhas?

Ecléa Bosi (1994) nos provoca: o conceito de ambiente acolhedor será de fato aquele montado por objetos de gosto refinado na ou aquele em que cujas lembranças nos remetem às luzes de outros tempos?

O mundo comum é aquilo que adentramos ao nascer e que deixamos para trás quando morremos. Transcende a duração de nossa vida tanto no passado quanto no futuro, preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência nele. É isso o que temos em comum não só com aqueles que vivem conosco, mas também com aqueles que aqui estiveram antes e com aqueles que virão depois de nós. Mas esse mundo comum só pode sobreviver ao vir e ir das gerações na medida em que aparece em público. (ARENDR, 2016, p. 68).

Sem a intenção de questionar as possíveis diferenças e similaridades entre definições sobre idadismo¹⁴, ageísmo, etarismo e velhismo, o que incontestavelmente eles provocam se traduz em violência excludente. Em comum os termos pavimentam estradas de “estereótipos negativos e discriminações” baseadas na idade. Em verdade, atribuir nomes aos preconceitos auxilia no seu efetivo combate.

O idadismo é um mal capaz de determinar o que o idoso deve ou não fazer, inclusive, colocando em cheque a sua própria autonomia de vontade enquanto pessoa humana. As visões estereotipadas impostas a um determinado grupo etário encobertam não somente as suas trajetórias de vidas, como no caso dos mais velhos, mas os condenam para a preparação da morte em vida.

Junte-se ao idadismo o machismo, e, detectaremos um dos importantes símbolos de resistência e aceitação aguçado pela crise epidemiológica da COVID -19: os cabelos grisalhos. Percebemos então, como as novas reflexões acerca do envelhecer feminino

¹⁴ O termo ageism (idadismo) foi introduzido em 1969 por Butler (1969, p.243), definindo-o como um processo de “estereótipos e discriminação sistemática contra as pessoas por elas serem idosas, da mesma forma que o racismo e o sexismo o fazem com a cor da pele e o gênero”. Butler, R.N. (1969). Age-ism: Another form of bigotry. *The Gerontologist*, 9, 243-246. Disponível em http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/2606/1/RTG_III_2.pdf. Acessado em 31 de maio de 2021

emergiram diante dos arraigados desafios estéticos impostos. Senão vejamos, homens com cabelos brancos sempre foram associados ao charme e a sabedoria, porém para as mulheres ostentá-los refletia desleixo. Identidades auferidas por colorações de cabelos.

“Sinais de uma derrota na luta pela permanência do aspecto juvenil, as rugas são moralmente condenáveis devido à sua indecência: a velhice é um direito negado ou algo que deveria permanecer oculto, longe ambicionar a tão cotada visibilidade” (SIBILIA, 2011, p 83).

A cultura do envelhecimento de fato é bastante sensível. Ela é capaz de potencializar as privações em detrimento do compartilhamento das boas experiências vividas e seus aprendizados.

Hoje depois dos setenta anos, percebo não sem tempo, que velho é problema. Ser velho, algo meio desprezível. O mau trato por gente sem educação e pelos educados, se mostra de várias maneiras, desde o trânsito: –“Sua véia”; até o hospital, clínica ou consultório, onde o tratamento condescendente beira o tatibitate com as crianças; dê seu pezinho, mãozinha, etc... tá doendinho? Já passa já... Conte até dez... Ou filas para idosos, onde nos olham com um misto de condescendência e raiva. [...] Até a pouco, usava cabelos pintados, resolvi deixá-los grisalhos. Não sou ainda “cabecinha de algodão”, mas bastou uma parte branca para piorar a situação... (CACCIOLA, 2020).

O modelo familiar contemporâneo comporta várias estruturas, e, suas pluralidades carregam em si uma serie de arranjos, comportamentos e axiologias. Novas uniões, separações, implicações econômicas e sociais no âmago do grupo familiar permitem uma coabitação intergeracional.

A coabitação, mesmo que indesejada, é parte da solidariedade entre as gerações e implica em novas formas de organização do espaço doméstico e de adaptação à vida em comum para a preservação da harmonia familiar. (PEIXOTO, 2007).

O grupo doméstico é um quadro referencial extremamente valioso para a reconstituição de experiências passadas. É a moldura onde se desenham as primeiras lembranças pessoais – as impressões de mais longa duração – de onde brota o sentimento de origem. (MALUF, 1995, p.49)

Definições da velhice resultam de dimensões biológicas, sociais, culturais, psicológicas, dentre outras, porém os detalhamentos desses aspectos múltiplos não nos trazem um consenso sobre o seu melhor conceito. Perspectivas mais sombrias ou mais gentis evocam os vários sentidos.

Cotidianamente demarcam a velhice por uma série de critérios para, o mais comum sem dúvidas é o etário. A legislação brasileira, por exemplo, faz uso deste critério na definição da Política Nacional do Idoso (Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994), e no Estatuto do Idoso (Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) também considera o critério etário ao classificar como idosas as pessoas com 60 anos ou mais, se residentes em países em desenvolvimento, e com 65 anos e mais se residentes em países desenvolvidos.

No entanto, se partirmos da ideia de que o envelhecimento está vinculado a um processo biológico de declínio das capacidades físicas - fragilidades psicológicas e comportamentais - o estar saudável deixará de ser relacionado com a idade cronológica passando a ser compreendido como a capacidade do organismo de responder às necessidades da vida cotidiana de buscar novos objetivos e conquistas. A seguir algumas variedades conceituais incidentes ao tema:

Quadro 3

Conceitos de Velhice - I

ANITA NERI & MEIRE CACHIONI	FRAIMAN	MINAYO
<p>O modo de envelhecer depende de como o curso de vida de cada pessoa, grupo etário e geração é estruturado pela influência constante e interativa de suas circunstâncias histórico-culturais, da incidência de diferentes patologias durante o processo de desenvolvimento e envelhecimento, de fatores genéticos e do ambiente ecológico”</p>	<p>O envelhecer não é somente um ‘momento’ na vida de um indivíduo, mas um ‘processo’ extremamente complexo e pouco conhecido, com implicações tanto para quem o vivencia como para a sociedade que o suporta ou assiste a ele.</p>	<p>(...) o que fica das imagens são a contundência dos sinais de desgaste dos corpos, os vincos nas faces, a voz mais cadenciada, o andar mais vagaroso ou trôpego, a queda inexorável dos músculos e a fragilidade dos movimentos. Esse retrato, que é feito em relação aos padrões de beleza que adotam o jovem como símbolo, costuma receber um veredicto de quem o produz e de quem o contempla. É o veredicto que assinala a velhice como problema e como doença</p> <p>O envelhecimento não é um processo homogêneo. Cada pessoa vivencia essa</p> <p>fase da vida de uma forma, considerando sua história particular e todos os aspectos estruturais (classe, gênero e etnia) a eles relacionados, como saúde, educação e condições econômicas.</p>

Fonte: adaptação feita pela autora, 2021

Quadro 4

Conceitos de Velhice -II

SIMONE DE BEAUVOIR	SARA GOLDMAN	GUITA DEBERT
<p>Para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar(...). Com relação às pessoas idosas, essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. Abrigada por trás dos mitos da expansão e da abundância, trata os velhos como párias.</p>	<p>O envelhecimento como um processo complexo que ocorre em cada pessoa, individualmente, mas condicionado a fatores sociais, culturais e históricos, que vão rebater na sociedade como um todo, envolvendo os idosos e as várias gerações. Por seu caráter multifacetado, o envelhecimento abarca múltiplas abordagens: físicas, emocionais, psicológicas, sociais, econômicas, políticas, ideológicas, culturais, históricas, dentre outras. A conjuntura marca as diversas formas viver e de conhecer o envelhecimento, assim como as determinações culturais tomam formas diferenciadas no tempo e no espaço. Outro diferencial se refere à posição de classe social que os indivíduos ocupam.</p>	<p>Essa expressão e os movimentos que se organizam em torno dela indicam mudanças radicais no envelhecimento, que deixa de ser compreendido como decadência física, perda de papéis sociais e retraimento. O número de programas para a terceira idade no país -como os grupos de convivência, as escolas abertas e as universidades- cresceu de maneira impressionante. Neles, as etapas mais avançadas da vida são consideradas momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras épocas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. Encorajando a busca da auto-expressão e a exploração de identidades de um modo que era exclusivo da juventude, esse movimento está abrindo espaços para que a experiência de envelhecimento possa ser vivida de maneira inovadora. Contudo o nosso entusiasmo com a terceira idade e o sucesso desse movimento não podem impedir o reconhecimento da precariedade dos mecanismos de que a sociedade brasileira dispõe para lidar com a velhice avançada, com as situações de abandono e de dependência, com a perda das habilidades cognitivas, físicas e emocionais que acompanham o avanço da idade.</p>

2.3.O Cuidar

(...) apesar das mudanças nas estruturas familiares e de relações de gênero que aconteceram nas últimas décadas, as permanências e nuances de um sistema simbólico e de representações sobre divisões sexuais ainda seguem mentalidades de longa duração, dando destaque às representações relativas às assimetrias de gênero (...) (CAVALCANTI, BARBOSA e CALDEIRA, 2012, p.191).

Em meio a uma série de recomendações sanitárias impostas de distanciamento social por conta da pandemia de COVID-19 vários conceitos, teorias e questionamentos emergiram como reflexões existenciais, como exemplo “A Ética do Cuidado”. Tema trazido pela filósofa e feminista americana Carol Gilligan em uma de suas obras em 1982 – Uma voz diferente – Teoria Psicológica e o Desenvolvimento Feminino. Em linhas gerais, a autora admite a existência de um vínculo direto entre a mulher e o cuidado (*care*), no entanto tal ligação somente fazendo sentido se analisada no contexto de estereótipos e divisão dos papéis de gênero¹⁵.

Gilligan afirma que o *self* feminino de cuidadora/protetora colocam as mulheres e suas próprias necessidades em segundo plano, numa espécie de relação desequilibrada de auto- sacrifício. A ética do cuidado facilmente manifestada a partir da existência da diferença de desenvolvimento moral de cada gênero humano. Ela revela que as chamadas teorias do desenvolvimento moral “tradicionais” derivam de um silenciamento admitido como sendo a moralidade da "voz feminina". Seus apontamentos convergem para a concepção de uma sociedade pós-patriarcal onde as vozes sejam humanas, substantivamente igualitárias e não mais hierarquizada entre homens e mulheres.

¹⁵ Aqui o conceito de gênero utilizado segundo Joan Scott, “o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”. SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Mulher e realidade: mulher e educação. Porto Alegre: Vozes, v. 16, n. 2, jul/dez 1990.

O verbo cuidar que ao longo do tempo esteve atrelado exclusivamente às mulheres, e ao modelo de bondade – peso das regras sociais recaindo sobre as mulheres sempre treinadas para preparar as soluções antes mesmo das demandas sugeridas – impacta sobre as visões diatópicas da velhice enquanto categoria social e nas construções das suas identidades.

Our obligation is limited and delimited by relation. We are never free, in the human domain, to abandon our preparedness to care; but, practically, if we are meeting those in our inner circles adequately as ones caring and receiving those linked to our inner circles by formal chains of relation, we shall limit the calls upon our obligation quite naturally.¹⁶ (NODDINGS, 1984. p.86)

As marginalizações sociais dos velhos e velhas vieram com as mudanças nas formas de vida, não por acaso e com frequência essa geração se sente como sobrevivente num mundo que os despreza, muitas vezes considerando como pertencimento apenas o que está inserido no passado (“no meu tempo...”), porque a época atual pertence aos mais jovens.

A feminista americana Joan Tronto (1992), que mesmo tendo discordado de pontos elementares da abordagem do cuidado em Gilligan, trouxe importante contribuição para o tema ao associá-lo aos aspectos políticos e sociais de cada cultura, avançando para além do paradigma dos gêneros.

(...) o cuidar está profundamente ligado a circunstâncias particulares. Ainda assim, precisamos também repensar como essas circunstâncias particulares são socialmente construídas. Talvez o empobrecimento de nosso vocabulário ao discutir o cuidado seja o resultado da forma como o cuidar é privatizado, permanecendo, assim, abaixo de nossa visão do que é social nesta sociedade. A necessidade de repensar formas apropriadas de cuidar também suscita a questão mais ampla sobre a configuração das instituições políticas e sociais em nossa sociedade. (TRONTO, 1997, p. 201)

¹⁶ Nossa obrigação é limitada e delimitada por relação. Nunca somos livres, no domínio humano, para abandonar nossa preparação para cuidar; mas, na prática, se estivermos atendendo aqueles em nossos círculos internos adequadamente como pessoas que cuidam e recebendo aqueles ligados a nossos círculos internos por cadeias formais de relação, limitaremos as chamadas sobre nossa obrigação de forma bastante natural. Da obra “O cuidado: uma abordagem feminina à ética e à educação moral”. (NODDINGS, 1984. p.86) (tradução da autora)

As acepções axiológicas acerca do cuidado se conectam numa interpretação valorativa universal em que as reciprocidades e solidariedades consagram-se essenciais para a sobrevivência humana. A relação dos velhos com a casa é uma remissão a seu papel na transmissão social, o que fica atestado na possibilidade de estabelecerem relações de reciprocidade nesse espaço. Essa é uma experiência tão mais contundente na velhice avançada em que a casa é, além disso, um dos principais espaços de sociabilidade. (DELGADO, 2010)

O Brasil que enfrenta desafios de desigualdades sociais envelhece mal e precocemente¹⁷. O envelhecer sempre estigmatizado no Brasil teve o seu quadro agravado durante a pandemia da COVID-19. O reforço de estereótipos negativos do envelhecimento como: dependência, solidão, declínio cognitivo, perda de autonomia, angústia, prejudicou ainda mais a qualidade de vida de idosos que internalizaram tais concepções. Estereótipos que provocam na pessoa idosa uma percepção de não pertencimento a humanidade, dando conotação de aceitabilidade o desinteresse pela sua infelicidade e, a recusa pelo mínimo necessário para a sua vida enquanto ser humano (BEAUVOIR, 2018).

Discursos de naturalização da morte entre os mais longevos atingiram o ápice do horror quando a crise hospitalar sinalizou para a sociedade as escolhas sobre quem deveria viver diante da escassez de recursos hospitalares? O enfermo mais jovem ou o mais idoso. Vulnerabilidades humanas potencializadas pela pandemia que *in gérmen* há tempos habitava nossas raízes sociais. Aspectos brutal e banal, como diria Hannah Arendt, de vidas comparadas a uma moeda de troca onde a produtividade capitalista é o alimento maior da máquina econômica.

¹⁷ O Brasil, o quinto país mais populoso do mundo, com mais de 200 milhões de habitantes, está entre os que mais envelhecem demográficos em todo o mundo, tendência que se acelerará ao longo do século 21. Os novos desafios impostos por uma grande população idosa são uma grande preocupação no Brasil e em outros países de renda baixa e média. A promoção do envelhecimento ativo e a construção de instituições econômicas e sociais para garantir segurança de renda e cuidados de saúde adequados são questões cruciais. Os recursos de dados longitudinais em grande escala têm o potencial de apoiar e avaliar as políticas de curto e longo prazo que afetam os idosos nesses países. (Tradução da autora) M Fernanda Lima-Costa, Fabíola Bof de Andrade, Paulo Roberto Borges de Souza, Jr., Anita Liberalesso Neri, Yeda Aparecida de Oliveira Duarte, Erico Castro-Costa, Cesar de Oliveira, The Brazilian Longitudinal Study of Aging (ELSI-Brazil): Objectives and Design, *American Journal of Epidemiology*, Volume 187, Issue 7, July 2018, Pages 1345–1353. (Tradução da autora) <https://doi.org/10.1093/aje/kwx387https://academic.oup.com/aje/article/187/7/1345/4831252>

A COVID-19 impôs para todos os seres humanos a urgência de integrar aspectos da crise gerada com o repensar sobre relacionamentos mais interdependentes e sistêmicos na medida em que o distanciamento social imposto desafiou aspectos de condições físicas, emocionais e culturais.

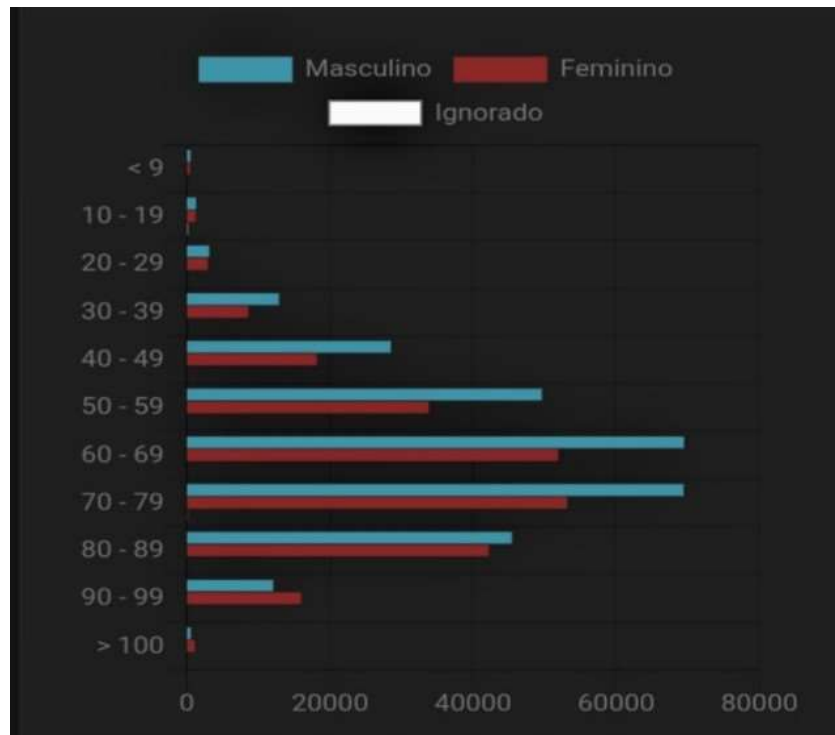
Nesse viés, Simone de Beauvoir elucida o sentido do viver na velhice: um sistema instável no qual cada instante o equilíbrio se perde e se reconquista (BEAUVOIR, 2018, p. 15).

O grande volume de subnotificações de infectados pela COVID-19, atribuindo mais incertezas em relação aos problemas brasileiros enfrentados, foi parcialmente intimidado com a criação de um portal de informações geridas pelos Cartórios de Registro Civil do Brasil¹⁸. Tal iniciativa permitiu delinear um quadro estatístico em que se reconhece que 69% das mortes, exclusivamente, decorrentes de COVID-19 pertenceram às pessoas com mais de 60 anos.

Já para portadores de pelo menos uma comorbidade os óbitos representaram $\frac{2}{3}$ dos óbitos. Vejamos:

¹⁸ Publicado em 2018 e mantido pela ARPEN Brasil (Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais), o portal de Transparência do Registro Civil é um site de livre acesso, desenvolvido para disponibilizar ao cidadão informações e dados estatísticos sobre nascimentos, casamentos e óbitos, entre outros conteúdos relacionados.. Disponível em: <https://transparencia.registrocivil.org.br/>. Acessado em 10 de julho de 2021

Gráfico 5 - Óbitos com suspeita ou confirmação de COVID-19 por sexo e faixa etária (Última atualização feita em 07/07/2021)



Fonte: <https://transparencia.registrocivil.org.br/especial-covid>

Testemunhamos os progressos tecnológicos e científicos que retardaram a morte e prolongam a velhice, mas concomitantemente, suscitam novos desafios para o exercício pleno dessa nova reconfiguração social.

Sem o cuidado perdemos a humanidade. Considerar o verbo cuidar como uma espécie de “Fio de Ariadne” interligando problemas gerados, expostos e agravados pelo novo vírus. Cuidar de si mesmo, dos outros, cuidar dos seus, cuidar de quem é mais vulnerável, cuidar de idosos, cuidar de quem cuida, cuidar da sociedade, cuidar do mundo, garantem a nossa continuidade.

3. O ORALIZAR

Ao silêncio do velho seria bom que correspondesse o silêncio do pesquisador. Aprendizagem difícil porque vivemos num moinho de palavras e citações que se apoiam comodamente no discurso ideológico.

O silêncio na pesquisa não é uma técnica, é como que o sacrifício do **eu** na entrevista que pode trazer como recompensa uma iluminação para as ciências humanas como um todo. (BOSI, 2018, p. 65) (grifo da autora).

A pesquisa assume seu caráter mais exploratório interrogando três sujeitas – mulheres velhas – que diante dos muros impostos pela pandemia falam através de narrativas desordenadas, gestos e silêncios vividos. Todas nascidas numa época em que se valorizava uma economia solidária em que a produção do alimento, feita no quintal de casa, e o seu consumo, envolviam coletividades – família, vizinhos. (DELGADO, 2010). São oralidades

Isso pode ser visto, como efetivamente o é por alguns autores, como um paradoxo: quanto mais moderna é a sociedade, quanto mais rápida e fragmentada é a comunicação, tanto mais precisamos, para entendê-la, de formas “tradicionais” de explicação, isto é, narrativas orais, transmitidas de gerações mais velhas para mais novas, de modo a conservar a “identidade” e a construir os significados da sociedade. (ALBERTI, 2004, p. 21).

As conversas foram realizadas nos ambientes de intimidade de cada uma respeitando-se e preservando-se individualmente a dignidade, identidade, integridade física, moral e psicológica. Oportunidades de aprendizagens sociopráticas, englobando colaborações reflexivas, presentes em ambientes sócio-interacionais com o resgate de experiências individuais e geração de conhecimentos inovadores. (COELHO & BRASILEIRO, 2012).

Em muitas transcrições narrativas estarão algumas interrupções de sentido semântico tendo em conta que o silêncio de narrativas pode ser captado enquanto o momento exato em que a palavra cessa para dar origem à reflexão e daí à própria palavra. Duas formas de silêncio: uma como omissão daquilo que não se quer expressar, lembrar, dizer, escrever, registrar e outra como o instante anterior da palavra, do pensar, para o porvir existir como algo dito, concebendo a palavra. (RIBEIRO, 2001).

Nesse espaço de movimento e construção, continuam a existir não apenas os frutos, mas a semente, o plantar, a alegria dos brotos e todos os prazeres, dores e sofrimentos do ceifar, como em qualquer etapa da vida. (MINAYO, 2002, p. 13)

Em cada conversa um testemunho pessoal em que se fala sobre tempos desgovernados sem uma cronologia exata, testemunhos discursivos que friccionam questões do passado, presente e futuro.

Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. (...) A pedra de toque é a leitura crítica, a interpretação fiel, a busca pelo significado que transcende aquela biografia: é nosso trabalho, e muito belo seria dizer a nossa luta. (BOSI, 2018, p. 69).

As experiências de vida dos nossos antepassados, segundo as autoras Janaína Carvalho Barros e Myriam Moraes Lins de Barros (2014), quando revividas em narrativas ganham maior ou menor relevância na formação de nossas identidades, em verdade as que teias de lembranças coletivas representam os testemunhos das transformações histórico-culturais que rebateram no modo de ser, viver e enxergar a realidade.

As tramas biográficas são compostas por paisagens, equívocos, músicas, pessoas, signos, ensinamentos, cheiros, objetos, celebrações e lutos em dimensões gerais e íntimas. Relatar a si sempre¹⁹ foi um grande desafio para as mulheres, até mesmo para escritoras clássicas, e não resta dúvidas de quão injusto ainda permanece o status quo da literatura feminina em pleno século XXI apesar das lutas de inserção e visibilidade travadas.

Judith Butler (2015, p. 161) destaca a importância da voz feminina ao informar que quando “se fala em dar um relato de si mesmo, também se está exibindo, na própria fala, o logos pelo qual se vive”.

[... não há memória para aqueles a quem nada pertence. Tudo o que se trabalhou, criou, lutou, a crônica da família ou do indivíduo vão cair no anonimato ao fim de seu percurso errante (BOSI, 2018, p. 163).

Neste sentido, retiro parte da pátina que reveste o meu “infinito particular”²⁰ para valorizar os fragmentos de histórias de vida dessas mulheres enclausuradas em virtude de medidas implicaram um isolamento profilático ainda mais exigente, ficando

¹⁹ A expressão “relatar a si” aqui colocada no sentido de que relatar a si mesmo só é possível porque é essencialmente social. O sujeito para existir depende essencialmente do outro. O “si mesmo” em foco a uma posição muito mais coletiva do que subjetiva.

²⁰ Infinito particular: expressão retirada do título da letra da música composta pela artista brasileira Marisa Monte em 2005.

afastados das redes de apoio social e de vizinhança e privados das visitas dos filhos, netos e restante família, sobretudo aqueles que vivem em lares e outras estruturas de residência (DIAS, 2020).

A valorização das narrativas femininas - em memórias e ficção - como necessárias na construção de suas identidades como protagonistas de suas histórias e essenciais como instrumentos libertadores na construção de conhecimento e circulação de novos saberes. É importante assinalar que ao penetrar nas entrelinhas das memórias de três velhas estamos contribuindo para desvendar as dimensões simbólicas e culturais dos diversos papéis das mulheres em múltiplas temporalidades.

Meu passado é o em si que sou, enquanto ultrapassado: para tê-lo é necessário que eu o mantenha existindo através de um projeto; se esse projeto é conhecê-lo, é preciso que eu o torne presente, rememorando-o para mim mesmo. (BEAVOIR, 2008, p.379)

4. VIS – À – VIS

O mais importante do bordado
 É o avesso
 É o avesso
 O mais importante em mim
 É o que eu não conheço
 O que eu não conheço
 É o segredo do ponto
 O rendado do tempo
 Como me foi passado o ensinamento
 (Maria Bethânia, 2009)

Conversas e descobertas com três mulheres velhas exiladas em suas casas em tempos de pandemia de COVID-19 ao quais serão identificadas por:

E – Mulher de 89 anos, branca, praticante da religião católica viúva, aposentada, mora sozinha num apartamento bem localizado em zona urbana da cidade de Aracaju. Teve dois filhos, um dos quais vindo a falecer em 2013 e o outro residindo em cidade diferente de onde ela vive. Tem dois netos e dois bisnetos, todos morando no exterior.

H - Mulher de 86 anos, branca, praticante da religião católica, viúva, aposentada, mora com uma empregada doméstica num apartamento amplo e bem localizado em zona

urbana da cidade de Salvador. Tem três filhos, quatro netos e um bisneto, todos residindo na mesma cidade que a sua.

Z – Mulher de 88 anos, branca, praticante do espiritismo, casada, aposentada, mora com seu marido num apartamento amplo e bem localizado em zona urbana da cidade de Salvador. Teve quatro filhos, seis netos e dois bisnetos. Dois filhos e duas netas residindo em diferentes cidades do interior.

A vida antes do confinamento

Diarimente **E** desperta cedo e prepara a sua elaborada salada de frutas acompanhada com iogurte, castanhas, granola e aveia. Nada de café preto. Os ingredientes que acompanham a sua salada estão dispostos organizadamente em potes de vidro etiquetados com seus respectivos nomes. Aliás tudo na sua cozinha é graciosamente arrumado, prateleiras com paninhos bordados em ponto de cruz, enfeites de crochê, almofadas nos assentos das cadeiras antigas de palhinhas, paninhos de prato pintados, centro de mesa em fuxico, tudo feito por suas próprias mãos.

***E:** “ Mamãe bordava e eu via ela bordando, comecei a aprender, mas foi na Escola Normal que aprendi de verdade. Era obrigatório e cada aluna tinha seu caderninho de lições, no final-do-ano tinha uma exposição com os trabalhos e se vendia tudo. Já o tricot eu aprendi vendo minha irmã fazer. Ela nunca gostou, não tinha paciência, mas eu sempre gostei e sei fazer até hoje. Gosto de fazer crochê assistindo televisão, me distrai e nem sinto o tempo passar. “*

As costuras e linhas preenchem os dias de **E**, que participa das atividades promovidas num centro de integração para aposentados federais. São encontros diários para atividades físicas e lúdicas. Ela trabalhou durante muitos anos em serviços administrativos na Universidade Federal de Sergipe e se aposentou. Quis saber como conheceu seu marido então ela me conta:

***E:** “Eu primeiro conheci meu marido numa quermesse de Natal numa praça, mas só de vista não conversamos não. Gostei dele e sempre que ele passava de bonde em frente da minha casa eu ia para a janela para ver, sabia dos horários que ele estava no bonde. Ele gostava de vestir terno branco muito bem engomado. Depois nos*

encontramos numa festa de São João e o namoro começou. O namoro demorou dez anos até chegar no casamento, não teve noivado. Não precisava porque dez anos de namoro já estava bom. “

Cozinhar bem **E** sempre gostou e ainda gosta. Aprendeu a fazer bolos confeitados com glacê de açúcar e limão com maestria. Em todos os aniversários da família preparava os doces e salgados, além das lembrancinhas e arrumação da decoração. Nas noites de domingo sempre coloca mesa farta com quitutes para receber os sobrinhos. Prazer em receber e servir.

E: *“ Minha mãe fazia doce de tacho no fogão de lenha, doces de banana e goiaba. Eu aprendi mesmo a cozinhar depois de casada. Na casa de mamãe era ela quem cozinhava, a gente só ajudava. Eu mesma comprei meus livros de receitas depois que me casei. ”*

Dançar nunca foi algo que **E** gostasse de fazer. Sempre foi a mais tímida das filhas. Seu marido também não gostava.

E: *“ Beijo na boca eu dei só depois de casada. Mas o que mais gostava era de receber cheirinhos no pescoço. Quer saber como eu noivava? Eu ficava sentada do lado dele com um rádio no meio, ficávamos ouvindo as novelas ou então eu bordava. ”*

E morou a maior parte da sua vida em casas. Só se mudou para um apartamento quando precisou vender seu imóvel para enfrentar dificuldades financeiras. Da antiga casa só sente saudades de suas plantas, eram muitas e lindas: roseiras, bouganvilles, cravos, samambaias, avencas e tantas outras que floresciam com os cuidados das suas mãos.

E: *“ Aqui onde moro tem tudo pertinho: igreja, mercadinho, shopping, feira de rua, farmácias, e no prédio tem piscina onde desço todos os dias para fazer ginástica. Minhas vizinhas de porta são ótimas, sempre uma leva comida na casa da outra e já viajamos juntas de excursão várias vezes. Adoro morar aqui. Só no verão é que o sol da tarde bate forte na sala e faz muito calor. Todos os empregados do prédio me tratam bem, eu dou lanche todos os dias para eles. ”*



Almofada em crochê feita por **E**



Centro de mesa em fuxico feito por **E**

O dia para **H** começa cedo, por volta das 4:30h. Sempre gostou da rotina dos exercícios físicos diários e assim intercala caminhadas no parque próximo a sua casa com aulas de hidroginástica. Pela manhã organiza as rotinas da casa, muito cuidadosa com a organização e limpeza. Mesmo tendo uma empregada doméstica ela mesma faz questão de determinar o que será preparado para o almoço e administrar o cotidiano da casa. Gosta de preparar comidas gostosas e, seus livros de culinária de tão manuseados ao longo de décadas se encontram manchados de respingos de ingredientes e com muitas páginas soltas, mas ela sempre acha a receita que busca. Sabe de memória as receitas que quer sem ter a necessidade de recorrer aos livros, no entanto o hábito de cozinhar com as páginas abertas tornou-se um ritual obrigatório. Mesmo ritual quando da medição dos ingredientes, todos dispostos em xícaras, vasilhas milimetricamente pesadas no mínimo por três vezes. Quando acha que o resultado culinário não ficou tão bom quanto gostaria é capaz de ficar aborrecida por vários dias. Escorpiana exigente.

Pela tarde frequenta as aulas na Faculdade da Melhor Idade, sem a pretensão de obter qualquer titulação escolar, apenas pelo desejo de descobrir novas pessoas e empatias. Ela se arruma e se perfuma, olha-se nos espelhos de casa e reforça o laquê nos cabelos pintados. Ao completar 60 anos ficou feliz ao receber seu cartão de passe livre para pegar ônibus de graça, pois mesmo tendo condições financeiras de pegar taxis prefere usar os coletivos porque gosta de olhar as paisagens e pessoas pelas janelas. Próximo ao seu apartamento existem farmácias, supermercados, igrejas, laboratórios e clínicas médicas, padarias, salão de beleza, pontos de taxis e de ônibus, enfim, tem ótima vizinhança. Aos finais-de-semana sua vida se acalma um pouco, compromisso apenas com as missas dominicais e os almoços aos sábados na casa de sua cunhada.

H:

“ Gosto de ir para a primeira aula de hidroginástica porque a turma tem menos gente. As turmas dos horários mais tardes são mais cheias e com muitas conversas, fofocas e risadas, não gosto de barulho porque não consigo ouvir a professora. Exercício precisa de concentração e eu obedeço a professora que diz que conversar durante a ginástica faz mal para a saúde.

Bastante religiosa **H** faz questão de mostrar seus santos e santas expostos num móvel em seu quarto, misturados com velas que já não mais são acendidas após recomendação da sua filha por risco de incêndio. Às terças-feiras frequenta a igreja de Santo Antônio no centro da cidade e reza a novena dedicada a ele no mês de junho.

***H:** “ Todo domingo vou para a minha missa. Rezar em casa não é a mesma coisa de rezar na igreja. Às vezes vou dia de sábado e no domingo também. Vou andando e na volta quando arranjo carona com alguém conhecido venho de carro. ”*

H nunca trabalhou. Quando se casou seu marido falou que ela não precisava. Já a sua mãe também queria que ela trabalhasse e ficou bastante triste quando ela decidiu ser dona de casa. Não se arrepende porque tem a certeza de que criou bem os filhos, cuidou do marido e do lar. Declara que foi muito feliz no casamento e agradece porque o marido conseguiu proporcionar bons estudos, boa moradia e educação para a família. Diz que sempre que preenchia algum formulário solicitando a sua profissão ela colocava: doméstica.

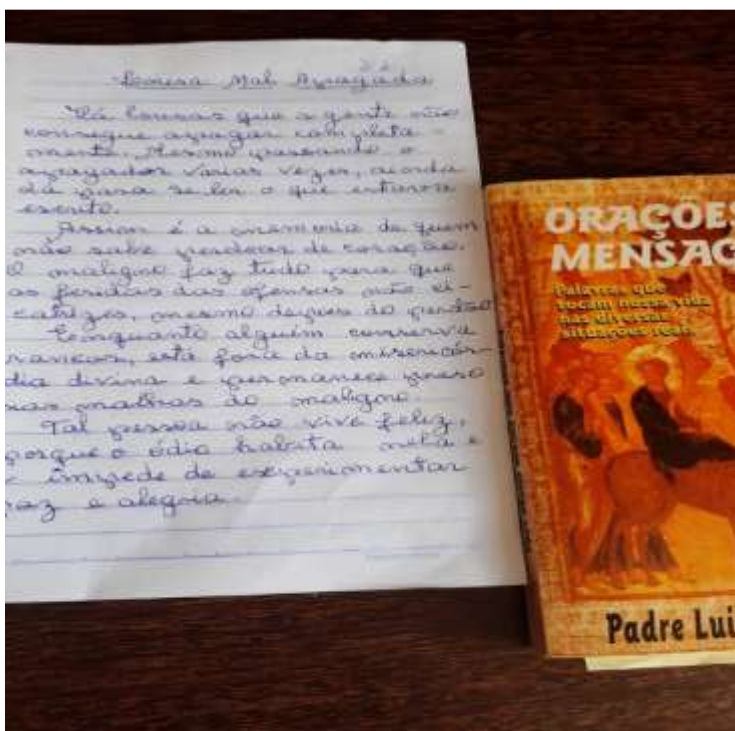
***H:** “Meu marido sempre gostou que eu fizesse seu prato na hora de servir a comida. Eu fazia com prazer. Fui “Amélia” com muito orgulho. A mulher tem que acompanhar o seu marido, sempre. Meu marido foi transferido para Salvador e tive que deixar minha família em Aracaju para vir com ele. No início eu chorava muito com saudades e passamos por muitas dificuldades de dinheiro, mas Graças à Deus pessoas da minha família e da de meu marido emprestaram. Para ir para médicos tínhamos que viajar para Aracaju porque lá os parentes de meu marido atendiam de graça. Quando meu filho mais novo, que nasceu com hidrocefalia, precisou de médico fomos de carro para Aracaju, ele morreu durante a viagem, na estrada mesmo. ”*

H fala que conseguiu bolsas de estudos para dois dos seus três filhos numa boa escola tradicional de Salvador e também bolsas de estudos para os filhos estudarem inglês. Os livros e materiais didáticos eram doados anualmente por uma tia do marido. Todos os seus filhos fizeram faculdade públicas e se formaram. **H** regularmente viaja para Aracaju onde passa dias com sua irmã mais velha. Adora passear pela cidade natal lembrando tempos passados, é extremamente nostálgica, e os detalhes das boas lembranças são contadas com prazer.

H: “ No quintal de mamãe tinha pés de coqueiros, mangas e goiabas. As goiabas eu vendia na porta de casa mesmo e com o dinheiro comprava minhas coisas. Todos os anos tínhamos direito a dois vestidos novos, meu irmão dava o tecido e mamãe costurava. Mamãe costurava muito bem, costurava para fora também. ”

Perguntei para **H** como ela conheceu seu marido. Sempre tenho curiosidade sobre os encontros que se fazem duradouros. E sua narrativa se estendeu.

H: “Foi num dos bailes da escola. Sempre tinham ensaios nas casas das colegas para ensaiar as danças das formaturas. Na época eu namorava com outro rapaz e ele com outra moça. Namoramos e noivamos. Eu sempre gostei de dançar, dançar é a coisa melhor da vida. Meu marido adorava dançar. Você sabe que se ele estivesse numa festa e visse alguma mulher sentada querendo dançar ele tirava e dançava um pouquinho só para matar a vontade dela. Não sei quanto tempo de namoro e noivado. Já não me lembro. Casei junto com minha cunhada, a irmã dele. Não escolhi nada não. Eu não tinha dinheiro e quem escolheu o vestido e a festa foi minha sogra. Casamos na catedral metropolitana e a festa foi na casa dos meus sogros. Você sabe que nenhum retrato do casamento prestou? O fotógrafo estragou todas as fotos, mas eu vesti o vestido de noiva e meu marido o terno e tiramos outros retratos num outro dia só para ter fotos.



Cópia diária feita por **H** para ajudar na coordenação motora



Doces feitos por H – raridade em período de isolamento social

Z trabalhou muito durante anos, até mesmo após a sua aposentadoria ser concedida. Farmacêutica que foi viver na cidade de Salvador porque se casou com um baiano. Vaidosa, fez maquiagem definitiva nos contornos dos olhos, dorme de batom diariamente, e usa cinta modeladora porque acha a sua barriga um pouco grande. Seu perfume preferido e único chama-se *Rive Gauche de Yves Saint Laurent*. Adepta dos cochilos após o almoço e diz ser hábito hereditário adquirido de família. Deixou de comer carne de vaca, mas não resiste às coxinhas de galinha.

Z: “ *Aprendi a tocar piano muito cedo, acho que com 15 anos eu já dava aulas para as filhas de uma dona de escola tradicional de Aracaju, me esqueci os nomes dela. Mamãe obrigou os três filhos a tocar um instrumento, eu piano, meu irmão mais novo também aprendeu piano e meu irmão mais velho violino. Quando as visitas chegavam na casa de mamãe e de papai tínhamos que tocar. Vim fazer o teste para o Instituto de Música aqui de Salvador e passei, morei numa pensão com duas tias que trabalhavam no antigo Banco Mercantil, num quarto no bairro de Nazaré. Escute bem...minha tia comprou tecido e costurou um vestido novo para eu vestir no dia do teste. Me lembro que ela colocou o vestido num biombo e fui tomar banho. Não sei bem como foi, mas ao colocar o vestido ele se rasgou. Foi uma agonia e minha tia acabou remendando. “*

Sempre **Z** fala sobre a rigidez com que foi criada e educada pela família. Sua mãe era uma mulher forte que deixou o Rio de Janeiro para viver em Aracaju tendo enfrentado muitas dificuldades financeiras, até conseguir abrir a primeira escola de datilografia e caligrafia com a concessão da famosa marca Remington na cidade. O negócio prosperou e sustentou a família por décadas. **Z** fala de algumas lições dadas pela vida através de algumas vicissitudes.

Z: *“Escute bem naquele tempo maçãs e uvas eram muito caras, só gente de dinheiro podia comprar, chupávamos muitas laranjas. Um dia uma tia me deu um saco cheio de maçãs e eu comi tudo de uma vez só, desci uma ladeira em Salvador e acabei vomitando tudo, pensei que iria morrer. Nunca mais quis comer maçãs na minha vida. Todos os dias minha tia me dava o dinheiro de ida e volta para eu ir de bonde para o Instituto de Música. Em frente a pensão onde morava tinha um vendedor de balas e eu sempre tinha vontade de comprar coisas, mas nunca tinha dinheiro. Nesse dia eu peguei o dinheiro da viagem de ida do bonde e comprei balas. Fui andando para a aula e guardei o dinheiro da volta. Quando eu estava em pé no bonde voltando para a pensão uma curva me desequilibrou e meu dinheiro caiu pra fora do bonde. Como eu iria pagar a passagem para o cobrador? Fiquei tão nervosa que um senhor ficou com pena de mim e pagou minha passagem. Depois disso eu nunca mais gastei o dinheiro do bonde com outras coisas. “*

Peço para **Z** me falar mais sobre a sua mãe:

Z: *“Mamãe gostava mesmo era de um primo dela, mas a família foi contra o namoro e ele acabou se casando com outra depois. Mamãe sofreu muito por amor, mas depois conheceu papai que se encantou por ela e casaram. Mamãe sofreu muitos abortos, uns oito eu acho. Quando ela saiu do Rio de Janeiro para morar em outra cidade foi mandando buscar aos poucos seus irmãos e irmãs para morarem com ela. Ela queria ajudar a família.*

Z sabe utilizar aparelhos eletrônicos, tem um celular repleto de aplicativos e participa de rede social (*whatsapp*), gosta especialmente de enviar mensagens espíritas (sua religião) e piadas. Por várias vezes durante as nossas conversas contou piadas e sempre gargalhava de modo que seus próprios olhos lacrimejavam. Estávamos vendo fotografias antigas e de repente uma pausa para uma saudade.

Z: Repare. Repare minha filha. Esse é Nick, meu cachorro poodle que morreu atropelado na frente do meu prédio. Ele nunca saía para a rua sem coleira, mas nesse dia ele estava sem a coleira e um carro pegou. Nick era branquinho, grande e lindo ...quando tosado então...tadinho do meu bichinho. Nunca mais quis mais cachorro.

Mulher com seus quase 90 anos de vida **Z** é elegante e bonita. Pergunto se ela se acha bonita.

Z: Não nunca fui bonita não, mas sempre tive um corpo direitinho. Tive meu quarto filho ainda com meu corpo esbelto. ”



Z ensinando a correta forma de partir laranja

A vida com o confinamento

H deixou de pintar os cabelos, assumiu os grisalhos. Disse que já queria deixar de pintar há muito tempo, mas que não conseguia porque esteticamente os cabelos em transição de cor ficam feios. Aproveitou o confinamento para a mudança se concretizar. Com a falta dos passeios no parque, das aulas de hidroginástica, das viagens para Aracaju, das festas, dos supermercados semanais, das missas por imposição do encarceramento domiciliar **H** ficou deprimida e sua perda de memória se intensificou. Em agosto de 2021 **H** fraturou o fêmur direito numa queda no banheiro ao tomar banho. Após a cirurgia, muitas sessões de fisioterapia e remédios ainda não se recuperou plenamente, caminha com auxílio de muleta e não mais toma banho sozinha. Passa o tempo fazendo criptogramas, pinturas em tela e em livros. Cozinhar virou raridade, perdeu o apego com seus velhos livros culinários manchados. De qualquer modo a flagrei em dois momentos de cozinhar feliz: um fazendo doce de banana, e, outro fazendo uma torta de palmito. Distração constante para **H** é mudar de janela em janela do seu apartamento para observar a vida nas ruas e nos outros confinamentos, paisagens bem mais restritas.



*Comemoração solitária de **H** em seu aniversário durante o período de distanciamento social*



Cabelos brancos de **H** no confinamento

E deixou suas atividades externas também se enclausurou em seu apartamento. **E** ficou mais triste e solitária. Fraturou o fêmur numa queda no hall molhado de casa e passou por cirurgia de difícil recuperação. Hoje caminha com ajuda de muleta. Os domingos de casa cheia com seus sobrinhos ficaram silenciosos. As missas dominicais cessaram e as rezas em oratório da sala de estar. A situação só foi amenizada quando as suas vizinhas que também ficaram confinadas resolveram se reunir para regulares chás da tarde. Uma socialização que abrandou seu sofrimento em tempos de isolamento pandêmico.



Oratório de E – no confinamento as missas foram proibidas

Z precisou sair da sua casa e ir morar com uma das filhas. Foi com seu marido e deixou para trás toda uma vida de hábitos e objetos acumulados, inclusive sua mesa de jantar de jacarandá e mármore branco de que tanto gostava. Pouco a pouco foi perdendo seu caminhar apressado e respirava com mais cansaço. Ganhei dela seu lindo espelho que ornava sua sala. Morreu em 2022.

Eu morro de saudades de seu recitar:

*“Toda vez que considero
Quem fui, quem sou, quem serei
Quem fui não posso negar,
Quem sou
Nunca tal pensei”
(Autoria desconhecida)*



Broche- relógio de Z

5. O CONECTAR - Sobre as Autoras e os Verbos

“Ângela não é um “personagem” É a evolução de um sentimento. Ela é uma ideia encarnada no ser. No começo só havia a ideia. Depois o verbo veio ao encontro da ideia. E depois o verbo já não era meu: me transcendia, era de todo o mundo era de Ângela” (Clarice Lispector, 1994, p. 33) (grifo meu).

As heranças reveladas através de discursos - de histórias e estórias – não podem ser limitadas pelas formas masculinas de expressão, pois até mesmo o substantivo “arauto” possui também a sua variação feminina. Extrair das lembranças as trajetórias de vida em pequenas partículas no sentido da escuta observadora recoloca a história mais próximas das verdadeiras relações sociais nas quais as questões como idadeísmo, sexismo, e tantas outras formas de discriminações carecem de mais estudos.

“As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são

rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas” (PERROT, 2007, p. 16).

Ao buscar referenciar exclusivamente figuras femininas na presente pesquisa a intenção foi a de equacionar as perdas sofridas pelas mulheres nas disputas simbólicas de representação ao longo do tempo, especialmente no ambiente acadêmico. Uma espécie de contrarreforma da expressão literária feminina. São olhares e interpretações múltiplas que oferecem elementos de valorização da velhice e das experiências de vida. Performatividades do envelhecer capturadas nas oralidades, signos, afetividades mais íntimas e quotidianas.

Na interpretação Olgaria Matos (2001); as linguagens metafóricas também funcionam como modalidades de narração disruptivas do fluir abstrato do tempo, as mais próximas do ato de pensar, de julgar e imaginar, isto é, da ampliação do conhecimento, transformação da sensibilidade e da consciência – um outro nome de nossa liberdade.

A escritora Virginia Woolf (1882-1941), já denunciava os apagamentos das experiências femininas ao longo da História, e a distinção valorativa entre a literatura produzida por mulheres e por homens, sendo estes últimos os únicos dignos de frequentar o ambiente acadêmico e a cena literária.

A negligência é histórica, os silêncios permanecem e as memórias precisam ser resgatadas, registradas e divulgadas. O patriarcalismo existe, persiste e insiste. As palavras masculinas sempre narraram e publicaram sobre tudo e sobre todos demarcando os moldes do que poderiam ser classificados como sendo de maior valor estético e narrativo.

Sabe aquele puxão, e então um amontoado de ideias na ponta da linha, e depois o recolher cauteloso e a exposição cuidadosa? Por fim, assentado na grama, tão pequeno e tão insignificante parecia esse meu pensamento; o tipo de peixe que um bom pescador devolveria à água para que engordasse e um dia fosse digno de ser cozido e comido (WOOLF, 2020, p. 14).

Os diários, anotações, livros e cartas deixados por Virgínia - bem como de várias outras autoras que jamais foram consideradas geniais criadoras literárias - abriram as

janelas das suas intimidades e dos seus cotidianos preconizando ideias libertárias que promovem reflexões *ad aeternum* no mundo social e cultural. Memórias discursivas rompendo barreiras através do tempo e do espaço. O cotidiano retratado em suas alegrias, tristezas e façanhas.

A memória é uma fronteira, cujas territorialidades se redefinem e se misturam continuamente. Ela guarda mundos, pessoas, “histórias dentro de histórias”²¹, e inclusive baús trancados sob a égide de alguns discursos hegemônicos até hoje atrelados a valores como honra, religião, decência, dentre outros.

Quem não é historiador poderá ir além e dizer que as mulheres têm brilhado como um farol em todos os trabalhos de todos os poetas desde o princípio dos tempos — Clitemnestra, Antígona, Cleópatra, Lady Macbeth, Fedra, Créssida, Rosalinda, Desdêmona e a duquesa de Malfi, entre os dramaturgos; entre os prosadores, Millamant, Clarissa, Becky Sharp, Ana Karênina, Emma Bovary, Mme de Guermites – os nomes afluem à mente e não evocam mulheres que “carecem de personalidade e temperamento.

[...]

De fato, se a mulher não existisse a não ser na ficção escrita por homens, era de se imaginar que ela fosse uma pessoa de maior importância; muito variada; heroica e cruel, esplêndida e sórdida; infinitamente bela e horrenda ao extremo; tão grandiosa como um homem, para alguns até mais grandiosa. Mas isso é a mulher na ficção. Na vida real, como o professor Trevelyan apontou, ela era trancada, espancada e jogada de um lado para o outro. (WOOLF, 2014, p. 65 e 66).

Falar do tempo natural constituído por unidades cromométricas regulares, uniformes (horas, dias e meses) e, do tempo enquanto experiências vividas quase sempre distribuídas de modo fragmentado e descontínuo é o desafio de quem tenta dar existência escritural ao tempo.

A inscrição do vivido na memória do corpo carece de permanecer no mundo desejando imortalidade. Leva-nos a continuar construindo histórias com fragmentos e ruínas do passado. A razão narrativa como significação e memória objetiva apenas expressa vozes que desejam ser escutadas e que fazem parte de uma história: a história da humanidade, moldando espaços, entretecendo lugares. (GROSSI, 2001, p. 29)

Nem sempre a convergência de tempos (presente, passado e futuro) que percorrem os labirintos de memórias reais e ficcionais é de possível organização. Neste sentido

²¹ Expressão utilizada pela autora Clarissa Pinkola Estés (2007, p. 10), na obra *A Ciranda das Mulheres Sábias*.

alguns dos verbos – que intencionalmente compõem o sumário da presente dissertação – auxiliam na (re)montagem dos fragmentos coletados e atribuem o relevo inicial deste trabalho. Verbos sobrepostos em abordagens sobrepostas para compreensão e valorização do envelhecer.

Em se tratando das angustias das mulheres velhas as análises intertextuais de narrativas produzidas pela escritora Clarice Lispector (1920-1977) nos fornece importantes pistas sobre os lugares sociais ocupados por elas em pleno século XX. A criação ficcional de Lispector muitas vezes se confunde com as realidades concretas vivenciadas e suas próprias reflexões existenciais. No conto “*A procura de uma dignidade*” publicado originalmente em 1974 a personagem Sra. Jorge B. Xavier é apresentada como uma mulher de 70 anos desnordeada e desatenta que vive em permanente conflito com a sua idade em suas limitações corporais/mentais. No conto em tela a figura da idosa Sra. Jorge B. Xavier traz em seu próprio nome a alegoria do patriarcado quando tratada pelo nome de seu marido, sem autonomia, e, sem identidade. Ela uma mulher velha que constantemente busca se situar em meio aos labirintos construídos pelo tempo se perde nos espaços externos e nos sinais privativos do seu corpo que já não mais trazia as virtudes da juventude. “Então a Sr^a. Xavier sentou-se numa cadeira que tinham posto para ela no corredor, sentou-se empertigada na sua cinta apertada, fora da cultura que se processava defronte na sua sala. ” (Lispector, p.366, 2016). A crônica de Clarice Lispector não nos revela respostas que assegurem a dignidade de uma boa velhice, na realidade, ela infla um olhar reflexivo e crítico para que a mulher velha possa ser inteiramente sujeito do seu corpo, tempo e espaço.

Percebemos que sem os verbos e as velhas o lado épico da verdade não existiria. As nuances da vida social traduzidas pela etnografia e suas subjetividades não merecem a neutralidade e distância que o trabalho de campo insiste em querer retirar – objetificação do(a) sujeito(a) de pesquisa. A ciência é múltipla, assim as produções resultantes das interações entre pesquisadora e suas interlocutoras merecem carregar os encantos das verdadeiras apreensões das identidades (BRANCO et al, 2018).

6. O CONCLUIR

A primeira coisa a ser observada é que não apenas o futuro - "a onda do futuro" -, mas também o passado é visto como uma força, e não, como em praticamente todas as nossas metáforas, como um fardo com que o homem tem de arcar e de cujo peso morto os vivos podem ou mesmo devem se desfazer em sua marcha para o futuro. (ARENDR, 1979, p. 37).

Desenvolver reflexões sobre a velhice e seus desafios colocados às sociedades contemporâneas implica numa pluralidade de vertentes teóricas, analíticas e conceituais. As traduções das conclusões do presente trabalho atravessam todo o trabalho revelando que para compreendermos as velhices em seus diversos significados (sociais, políticos e econômicos), bem como nas suas esferas privadas e públicas um só desfecho dissertativo sugeriria um tópico perdido.

Qual o verdadeiro legado deixado pela velhice? Caso pareça uma questão de dimensões um tanto quanto abstratas façamos um enquadramento mais reducionista e direto. Qual o verdadeiro legado que pretendemos deixar? Os afetos nos dão pistas ao afirmar que a memória dos velhos alarga e desdobra os horizontes da cultura fazendo crescer a sociedade em que se insere (BOSI,2018; MATOS,2001).

A tradição não é meramente uma nostalgia, mas inspiração para criar o radicalmente novo que nossa liberdade engendra, reabrindo o tempo histórico e suas possibilidades perdidas.

Nesse horizonte, vislumbramos uma espécie de inventário participativo e afrodisíaco de histórias de vida (assim podemos nos expressar) com o consentimento de Isabel Allende (1998): a conversa como o sexo da alma. Ouvindo o contar de histórias de filósofas, historiadoras, professoras, poetisas, donas de casa, cantoras, escritoras, sociólogas e tantas outras vozes femininas multiplicamos os universos epistêmicos para além das fronteiras do saber científico.

Mas para onde foi tudo isso? Quem ainda encontra pessoas que saibam contar histórias como devem ser contadas? Por acaso, os que hoje estão em seu leito de morte dizem palavras tão duradouras que possam ser transmitidas de geração em geração, como um anel?

Quem ainda tentará lidar com a juventude invocando sua experiência.
A quem ajuda, hoje em dia, um provérbio? (MATOS, 2001, p.19)

Ação é substantivo feminino. Neste trabalho despretensiosamente ecoaram mais de 200 palavras com a terminação “ação” além do próprio substantivo, alguns exemplos: recuperação, preocupação, criação, educação, preparação, organização, preservação, valorização, sustentação, motivação, ponderação, narração, dentre outras. Sem dúvida as histórias convergem com a Ação. Considerações de Hannah Arendt - que ornaram a abertura desse tópico – reforçam o narrar de histórias como importante força de ação capaz de permanecer nas memórias coletivas de uma sociedade.

7. O REFERENCIAR – REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Ouvir contar textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALLENDE, Isabel. Afrodite: contos, receitas e outros afrodisíacos. Tradução Claudia Schilling. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1998.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feministas, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acessado em 4 de abril de 2021

ARANTES, Ana Claudia Quintana. A morte é um dia que vale a pena viver. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ARENDDT, Hannah. A condição humana. Trad. Roberto Raposo. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

_____, Entre o passado e o futuro. São Paulo. Perspectiva, 1979.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Tempos de pandemia. A essencialidade das Ciências Humanas, Sociais e das Artes. São Paulo: USP, 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/tempos-de-pandemia-a-essencialidade-das-ciencias-humanas-sociais-e-das-artes/https://jornal.usp.br/artigos/tempos-de-pandemia-a-essencialidade-das-ciencias-humanas-sociais-e-das-artes/> Acessado em 10 de abril de 2020.

BARROS, Janaína & BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memórias de Velhos: Rememorando a Trajetória de Vida e a Sociabilidade nas Relações Familiares. Revista Kairós Gerontologia, 17(4), pp. 337-358, São Paulo, 2014. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/24246/17435>. Acessado em 12 de abril de 2021.

BEAUVOIR, Simone de. A velhice. Tradução Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BEAUVOIR, Simone. Memórias de uma moça bem-comportada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

BEBIANO, Adriana e Maria Irene Ramalho, «A Revista Crítica de Ciências Sociais e o Feminismo (1978-2017)», Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], Número especial | 2018, publicado a 05 novembro 2018, consultado a 07 janeiro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/rccs/7709>

BLIXEN, Karen. A festa de Babette e outras anedotas do destino. Rio de Janeiro: Record, 1986.

BOSI, Ecléa. O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.

_____. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. Memórias da Psicologia. 40 Anos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo / organizadores, Emma Otta, Paulo de Salles Oliveira, Cynthia Regina Borges Braga Mannini. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: http://newpsi.bvs-psi.org.br/ebooks2010/pt/Acervo_files/40anosIPUSP.pdf. Acessado em 15 de junho de 2021.

_____. Narrativas sensíveis sobre grupos fragilizados. Entrevista à Mariluce Moura para a revista Pesquisa FAPESP. Edição 218. 2014 Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/ecléa-bosi-narrativas-sensíveis-sobre-grupos-fragilizados/> Acessado em 15 de junho de 2021.

Branco Louise Caroline, Bezerra Cristina D. S. Flores Eugenia, Bezerra Telma Jordânia Rodrigues, Reis Izis Morais L., Böschemeier Ana Gretel Echazú, Cabanillas Natalia. A escrita feminina nos “clássicos” antropológicos do Sul: Uma reflexão anticânone. Revista Epistemologias do Sul. v.2 n.1. 2018. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/867>

BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CACCIOLA, Maria Lúcia. O sentido do tempo. Entrevista ao portal A Terra é Redonda. 2021. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/o-sentido-do-tempo/> Acessado em 11 de junho de 2021.

CAMARANO, Ana Amélia & PASINATO, Maria Tereza. O Envelhecimento Populacional na Agenda das Políticas Públicas. Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?/ Organizado por Ana Amélia Camarano.- Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

Disponível em:

https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Arq_29_Livro_Completo.pdf

Acessado em 07 de julho de 2021

CASTRO, Mary Garcia. Entre a intenção e o gesto ou quão interdisciplinar somos? Ensaio sobre a perspectiva interdisciplinar e estudo de caso sobre uma produção de estudos no campo da Família. Congresso internacional interdisciplinar em sociais e humanidades. Niterói: ANINTER/PPGSD-UFF, setembro de 2012.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon & SILVA, A.C da. Para e pelos direitos humanos: perspectivas e debates sobre violência, educação e agendas. In: GOMES, Celma Borges. (Org.). Em busca de uma cultura da não violência nas escolas. Salvador: Edufba, 2015, pp. 1-12.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. Prefácio. In:Trabalhadoras Domésticas Guimarães, F.R. Juruá. Curitiba.2019.

_____. BARBOSA, Claudia de Faria & CALDEIRA, Barbara Maria do Santos. Ética do cuidar e relações de gênero? Práticas familiares e representações da divisão do tempo.v.17 Estud. Sociol., Araraquara, v.17, n.32, p.189-204 Disponível em:<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/4934>. Acessado em 28 de junho de 2021.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1995.

CHIKIAR, Irene Bauer. Victoria Ocampo y Virginia Woolf: Escritura autobiográfica, encuentros y lecturas. Memoria Académica UNLP- FaHE, 2014. Disponível em: en:

<http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/tesis/te.1062/te.1062.pdf>. Acesso em 06 de abril de 2021.

COELHO, Aldine Cecília Lima Coelho & BRASILEIRO, Tânia Suely Azevedo: O uso da pesquisa-ação como metodologia em pesquisas da saúde. RECH-Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem-Estar, Ano 5, Vol. V, Número 1, jan-jun, 2021, pp. 517-536. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/8723/6088>. Acesso em 02.04.2021.

COSTA, Rosalina . (Re) Pensar o Ofício do Investigador Qualitativo, Hoje: Metáforas, Ferramentas e Competências em CAQDAS.2013. Indagatio Didactica, 5 (2): 1118–1127. Disponível em URL: <http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/2513/2379> (ISSN: 1647-3582). Acessado em 02 de junho de 2021

DALMOLIN, Bernadete Maria; LOPES, Stella Maris Brum; VASCONCELLOS, Maria da Penha Costa. A construção metodológica do campo: etnografia, criatividade e sensibilidade na investigação. Saúde e sociedade, São Paulo, v. 11, n. 2, pp. 19-34, Dec. 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902002000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 2 Abril 2021.

DEBRET, Guita. São Paulo. + 3 questões Sobre terceira idade. Folha de S. Paulo. 2000 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2008200002.htm>. Acessado em 11 de junho de 2021

DELGADO, Josimara. Pelas Lentes dos Velhos: ensaios sobre a proteção social aos idosos. Revista de Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão.2018. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/9822>. Acessado em 31 de maio de 2021.

_____. Velhice, corpo e narrativa, Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 189-212, jul./dez. 2010. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/ha/a/5xGKQxX6sg8vm5CsFtvGW8v/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em 31 de maio de 2021.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*, [S. l.], v. 6, 2009. DOI: 10.51880/ho.v6i0.62. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 5 jul. 2021.

DIAS, Isabel. Envelhecimento e violência contra os idosos. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. XXV, 2005, pp.249-273.

_____. Quem mitiga a curva da morbidade psicológica? *Jornal A Tarde* de 08 de junho de 2020. Disponível em <http://noosfero.ucsal.br/stricto-sensu/noticias/profa-dra-isabel-dias-isuporto-publica-artigo-na-coluna-do-jornal-a-tarde>. Acessado em 6 de abril de 2021

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

FRAIMAN, Ana. Perwin. *Coisas da Idade*. São Paulo: Editora Gente, 1995

GILLIGAN, Carol. *Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à fase adulta*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1982.

_____. *Joining the Resistance*. Cambridge: Polity Press, 2011.

GOLDMAN, Sara Nigri. *Universidade para Terceira Idade: Uma lição de cidadania*. *Revista: Textos envelhecimento*, 2001. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-291164>. Acesso em 11 de junho de 2021

GROSSI, Yonne de Souza. SOMOS SERES DE UM DIA SÓ *Cad. hist.*, Belo Horizonte, v. 6, n. 7, p. 20-29, jul. 2001. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/1707/1833>. Acesso em 20 de junho de 2021

HELLER, Agnes, 1929 – *O Cotidiano e a história*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder – 11ª ed. – São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016

KLINGER, Diana. Literatura e ética: da forma para a força. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

LERNER, Gerda. A Criação do Patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LISPECTOR, Clarice. Um sopro de vida: pulsações. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LISPECTOR, Clarice. “*Todos os Contos.*” Org. Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2016.

_____. A descoberta do Mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. Para não esquecer. Rio de Janeiro. Rocco, 2019

_____. A legião estrangeira. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Elisa; GOTLIB, Nádya Battella (organização). Retratos antigos: esboços a serem ampliados. Editora UFMG, 2012.

LOURO, Guacira. Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças. Coletânea Gênero plural. Miriam ADELMAN; Cilsibrönstrup SILVESTRIN (organizadoras). Curitiba. UFPR, 2002.

MALUF, Marina. Ruídos da memória. Ed. Siciliano. São Paulo. 1995

MATOS, Olgaria. A narrativa: metáfora e liberdade. Revista História Oral, 4, 2001, p. 9-24. Disponível em <https://www.revista.historiaoral.org.br> >. Acessado em 4 de maio de 2021

MEIRELES, Cecília. Romanceiro da Inconfidência. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2005.

MENDONÇA, Jurilza Maria Barros de et al. O sentido do envelhecer para o idoso dependente. Ciência & Saúde Coletiva [online]. v. 26, n. 01, pp. 57-65. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.32382020>>. ISSN 1678-4561.
<https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.32382020>. Acessado 29 Março 2021

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. Idosos dependentes de cuidadores. Ciência e saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, pág. 4 de janeiro de 2021. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232021000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 de março de 2021. Epub 25 de janeiro de 2021. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.36602020> .

_____. Minayo, Entre a Liberdade e a Dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. Antropologia, saúde e envelhecimento. / Organizado por Maria Cecília de Souza Minayo. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. Disponível em <https://static.scielo.org/scielobooks/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>. Acesso em 28 de junho de 2021.

MOTTA, Alda Brito da. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, MCS., and COIMBRA JUNIOR, CEA., orgs. Antropologia, saúde e envelhecimento [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. Antropologia & Saúde collection, pp. 37-50. ISBN: 978-85-7541-304-3. Available from SciELO Books .

NERI, Anita Liberalesso & CACHIONI, Meire. Velhice bem-sucedida e educação. In: Neri AL, Debert (Orgs.). Velhice e sociedade. Campinas: Papirus; 1999. pp. 113-40.

NODDINGS, Nel. Caring: A Feminine Approach to Ethics and Moral Education. Berkeley: University of California Press. 1984

PACHÁ, Andréa. Velhos são os outros. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, p.11, Rio de Janeiro, 2018.

PASINATO, Maria Tereza &, CAMARANO, Ana Amélia & MACHADO, Laura. Idosos Vítimas de Maus-Tratos Domésticos: Estudo Exploratório das Informações dos Serviços de Denúncia *. Rio de Janeiro: Ipea, 2006. Disponível em: http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_artigos/17.pdf. Acesso em 30 de maio de 2021

PEIXOTO, Clarice Ehlers & LUZ, Gleice Mattos. De uma morada à outra: processos de re-coabitação entre as gerações. *Cadernos Pagu* (29), julho-dezembro de 2007: p.171-191. Disponível em

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/LHy6kn9nVdwGhF5rP6QtQ7g/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em 02 de junho de 2021

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, São Paulo, 2007.

RIBEIRO, Núbia Braga. OS SILÊNCIOS E TANTAS HISTÓRIAS... *Cad. hist.*, Belo Horizonte, v. 6, n. 7, p. 57-65, jul. 200. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/1707/1833>.

Acesso em 20 de junho de 2022

RODRIGUES, Nara. C. Política social para a velhice: instrumento de integração ou marginalização social? In: SCHONS, C. R.; PALMA, L. S. (Org.). *Conversando com Nara Costa Rodrigues*. Passo Fundo: UPF Editora, p. 67-70, 2000.

SARTI, Cynthia A. A velhice na família atual. *Acta Paul Enferm.* v. 14, n. 2, p. 91-96, fev. 2001.

SATTLER, Janyne. *Epistemologia Feminista*. Disponível em <https://cpgd.paginas.ufsc.br/files/2019/05/Epistemologia-Feminista-texto-para-leitura-pr%C3%A9via.pdf>. Acesso em: em 07 de abril de 2021

SCHEMAN, Naomi. *Epistemologia Feminista*. Tradução de Rafaela Missaggia Vaccari e Gisele Dalva Secco. *Revista Ideação*, v.1, n. 42, 2020. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/5058>. Acesso em 07 de abril de 2021.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: Goldenberg, M. (Ed.) *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

THANE, Pat. *Social Histories of Old Age and Aging*. *Journal of Social History*, vol. 37, no. 1, Oxford University Press, 2003, pp. 93–111, <http://www.jstor.org/stable/3790315>.

TRONTO, Joan Claire. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? In: Jaggar, A. M.; Bord, S. R. (Orgs.). Gênero, Corpo, Conhecimento; tradução de Brítta Lemos. Editora Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1997

VITALE, Maria Amália Faller. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália (Org.). Família, redes, laços e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 2007.

WALKER, Alice. Em busca dos jardins de nossas mães: prosa mulherista. Tradução de Stephanie Borges. Editora Bazar do Tempo. Rio de Janeiro, 2021.

WOLITZER, Meg. A persuasão feminina. Tradução de Simone Campos. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2019

WOOLF, Virginia. Um teto todo seu. Editora Tordesilhas, São Paulo, 2014.

_____. As mulheres e a literatura. In: Idem . A arte do romance. Porto Alegre: L & PM Pocket, 2018.

ANEXO I - Declaração Anti-plágio

Eu, ANGELA VIRGÍNIA BRITO XIMENES, matrícula nº 2000014190 e estudante do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSAL), declaro que o trabalho em versão digital apresentado é componente parcial da avaliação de mestrado, compondo-se de pesquisa original. Ademais, venho confirmar que todas as citações e as referências, bem como uso de dados primários e secundários (quando existentes) estão corretamente identificadas. Tal procedimento indica autoria e responsabilidades para os devidos fins e efeitos, podendo ser incluído como prova junto à Universidade Católica do Salvador (UCSAL).

Declaro que o material é original, resultado da investigação realizada por mim e que a utilização de contribuições ou textos de autores alheios estão devidamente referenciados, obedecendo aos princípios e regras dos Direitos de Autor e Direitos Conexos.

Tenho consciência de que a utilização de elementos alheios não identificados constitui uma grave falta ética e disciplinar, sendo informadas no Regimento Interno da Pós-Graduação dessa instituição.

Salvador, 24 de fevereiro de 2022.

Angela Ximenes

CRÉDITOS DA AUTORA

Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1990. Graduada em Direito pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL) em 2021. Bolsista CNPQ (Programa de Iniciação Científica) no período de 07/2019 a 07/2020 como integrante do Grupo de Pesquisa NEDH/UCSAL - Núcleo de Estudos sobre Direitos Humanos. Mestranda do curso Família na Sociedade Contemporânea na Universidade Católica do Salvador (Interdisciplinar, CAPES 5). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Doutoranda em Estudos Feministas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (UC) em colaboração com o Centro de Estudos Sociais (CES).

Currículos:

<http://lattes.cnpq.br/6276225094167283>

<https://orcid.org/0000-0003-1249-2172>